

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

## Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + Refrain from automated querying Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

## **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

## Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.

  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.

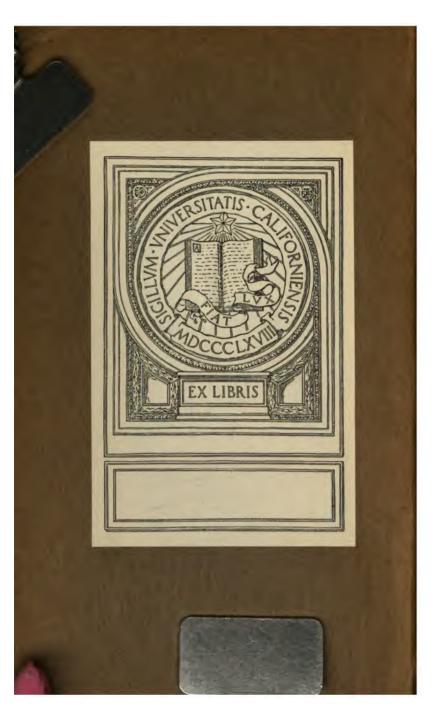
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  - A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  - Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

## Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em http://books.google.com/

## THEATRO







# THEATRO

## Obras do mesmo auctor:

Sertão, 1 vol						 600
Agua de Juventa, 1 vol.					٠	700
A bico de penna, 1 vol.			•			700
Romanceiro, 1 vol						<b>50</b> 0

:

•••

•



Coelho Netto

## COELHO NETTO

# THEATRO

11

## PEÇAS EM UM ACTO

As Estações (em verso), Ao luar, Ironia,





PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
Rua das Carmelitas, 144
-

1907

•. 

# TO MINI AMAMILIAS

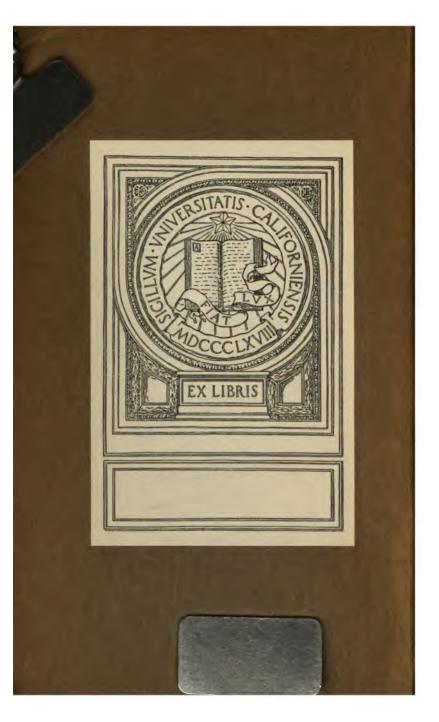
.

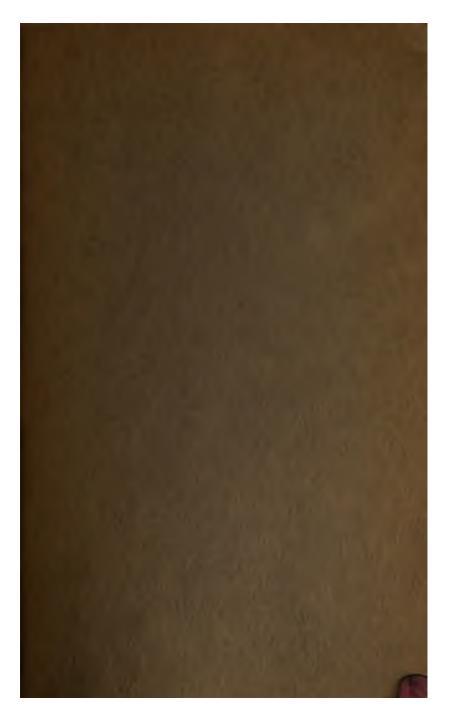
PQ9697 c42T5 1907 v.2

## As estações

#### PRELUDIO ROMANTICO

Representado, pela primeira vez, por iniciativa de "Centro Artistico" no Theatro S. Pedro d'Alcantara, a 18 de novembro de 1898







## Margarida

Daudá p'ra ganhar vintem, Vovó já nem sabe andar. Quantos annos vovó tem? Perdeu a conta tambem Ou já não sabe contar? Porque tremes tanto? Crédo! Parece que vens transida. Tens medo da morte? é cêdo.

#### Livia

Ah! filha, se eu tenho mêdo Não é da morte, é da vida.

> Encaminham-se para a janella. Margarida abraça Livia carinhosamente.

## Margarida

Conta uma historia, vovó. Anda, sim? conta uma historia. Aquella do João Bocó. Anda, sim? conta uma só.

Livia, acariciando-a:

Bem te conheço, finoria! Agora não ris de mim.

## Margarida

Eu? rir de ti... nunca rio.

#### Livia

Vens toda dengosa assim Pedir-me historias... Pois sim.

> Margarida quer obrigal-a a ficar junto á janella. Ella oppõe-se e encaminha-se para a poltrona.

Não, ali não que faz frio.

## Margarida

Pois tu sentes frio? eu, não.

#### Livia

Ah! tu não sentes, por certo
Tu és um lyrio entreaberto
De orvalho apenas coberto,
Nem bem flor, inda em botão.
Mas pobre de mim! longeva?...
Sou como os troncos roídos
Que as folhas o vento leva.

Tomando Margarida ao collo:

Em mim, noite e dia, néva O inverno dos tempos idos. Eu coberta de saudade, Tu vestida de esperança... Vê bem a desigualdade: Eu, carregada de edade. A carregar-te, creança.

#### Sorrindo:

A minha neta bonita Com seu bonito vestido Nos braços d'uma velhita Parece uma parasita Num velho tronco abatido.

Com a mão no peito de Margarida:

Que tens aqui dentro?

Margarida, ingenuamente.

Nada.

Livia

Talvez saudade do ceu.

Margarida

.E tu que tens?

## Livia, suspirando:

Ah! coitada... Eu tenho aqui dentro geada E mortos num mausoleu.

## Margarida ri. Outro tom:

Pensas, talvez, Margarida, Que fui sempre velha assim?

#### Animando-se:

Não, filha, tambem a vida
Teve uma quadra florida
De riso e luz para mim.
Fui, como tu, pequenita,
Cresci, casei, fui feliz
Fui garbosa e fui bonita
Mas veiu, em pouco, a desdita
E fui dobrando a cerviz.
Hoje me vês acurvada
Andando tremulamente
Sempre a alguem aconchegada...
Como a Tudinha, coitada
Tendo na bocca um só dente.
Pois fica sabendo agora

## Tomando da mesa um passe-partout:

Que fui como aqui me vês: Uma formosa senhora, Forte, esbelta, seductora A quem um poêma se fez.

## Margarida, surprehendida:

Tu fôste bonita assim?

#### Livia

Talvez mais! o tempo ingrato Não só me fez mal a mim, Como apagou no marfim As cores do meu retrato.

## Margarida, impaciente:

Está bem, vovósinha... e a historia? Não te faças de esquecida. Não quero a *Vacca Victoria*. Tu tens tantas de memoria! Conta uma, mas bem comprida!

## Livia, narrando:

Em terra d'ouro e flor, terra bemdicta Onde jámais o inverno demorava, Terra que o sol da primavera amava, Terra da qual a neve era proscripta.

Em tempos velhos que o saber não dicta Uma princeza esplendida reinava. Era tão linda que, de a ver, entrava A amal-a quem a via, por desdita.

Quiz um rei conquistal-a por brandura E, como nada conseguisse, irado, Moveu-lhe guerra sanguinosa e dura.

E ella, vencida, disse-lhe: "Malvado! Conseguiste a ventura e a desventura Porque me vaes amar sem ser amado.,

# SCENA II AS MESMAS e EMILIA

## **Emilia**

Entra pela esquerda com uma folha de papel e um enveloppe, a tempo de ouvir o ultimo verso do soneto.

Oh! que menina maçante!

#### Livia

Não me incommóda, coitada!

#### **Emilia**

Não te deixa um só instante. Por Deus! pois não é bastante O dia para a maçada? Vae brincar.

## Margarida, amuada:

Não quero agora.

Emilia

Manhosa...

Margarida

Estou bem assim. Que vou eu fazer lá fóra?

Emilia

Vae dormir.

Margarida

Quando fôr hora. Depois do chá.

Livia, rindo:

Isso sim.

Outro tom:

Como vae a pequena?

**Emilia** 

Impertinente:

Repelle o peito de Lucinda, amúa...

#### Livia

Mas tem febre?

**Emilia** 

Não tem.

Livia

Ora, é do dente.

Eu contava com isto nesta lua.

**Emilia** 

E mamãe como vae?

Livia, encolhendo os hombros.

Sei lá! melhor...

Felizmente cedeu o tal soluço.

**Emilia** 

E a dor do peito inda persiste?

Livia

A dor

Ora vae, ora vem... Dóe quando tusso.

Emilia senta-se á mesa e dispõe-se para escrever.

Vaes escrever?

#### **Emilia**

Um bilhetinho apenas Um lembrete de amor: novas de casa. Elle pede noticia das pequenas.

## Com mysterio:

E, ao mesmo tempo, aproveitando a vasa, Vou tocar no famoso namorico Do tal moço que mora alli adeante. Dizem que é rico!

Livia, com interesse:

E' rico?

Emilia

E' muito rico!

Livia

E que faz elle?

**Emilia** 

Estuda.

Livia

Ah! estudante...

E que Escola frequenta?

•

#### **Emilia**

A de Direito. E Alceste affirma que elle é muito sério.

#### Livia

Elle parece um moço de respeito: Ponderoso, sisudo e de criterio. Ella merece bem... pobre pequena! Que Deus a faça bem feliz na vida.

> Emilia, despertando Margarida que dorme ao collo de Livia:

Eh! Margarida... Accorda, Margarida! Vae lá dentro buscar tinteiro e penna.

Margarida entra á esquerda estremunhada.

## SCENA III

LIVIA, EMILIA, depois MARGARIDA

#### Livia

Seria para mim grande ventura Poder vel-a casada, bem casada Não direi rica, porém arranjada, Antes de Deus levar-me á sepultura. Se eu morrer antes d'isso, com certeza Lá no ceu, se tal premio me for dado, Eu terei o descanço perturbado Pela mais funda e lugubre tristeza.

Margarida entra trazendo tinteiro e penna, deixa-os sobre a mesa e torna para o collo de Livia.

Emilia, preparando-se para escrever:

Ah! ser mãe... só Deus sabe a gente quanto Soffre por ver soffrer quem trouxe ao collo. Quanto cuidado! Quanto chôro... (Põe-se a escrever.)

#### Livia

Emtanto Nem sempre ás mães o filho traz consolo.

## Como em soliloquio:

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra O coração; ser mãe é ter no alheio Labio que suga o pedestal do seio Onde a vida, onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra Sobre um berço dormido; é ser anceio, E' ser temeridade, é ser receio, E' ser força que os males equilibra. Todo o bem que a mãe gosa é o bem do filho, Espelho em que se mira afortunada, Luz que lhe põe nos olhos novo brilho.

Ser mãe é andar chorando num sorriso; Ser mãe é ter um mundo e não ter nada; Ser mãe é padecer num paraiso.

Sons de flauta á direita.

· Emilia, com intenção:

E' o rouxinol.

## Margarida

Que rouxinol! Quem toca E' aquelle moço de bigode louro.

#### **Emilia**

Eu não falei comtigo. Cala a bocca! Quem te chamou aqui? (Continua a escrever.)

## Margarida, rindo:

Isto é namoro!
Pensa, então, que eu não sei? eu não sou tôla...
Quanta vez, já deitada, ouvindo a flauta,
Salto da cama devagar e cauta,
Descalça e em camisola,
E venho á sala e fico á escuta e ouço

O que á titia o moço diz e apanho O que d'aqui ella responde ao moço. Ah! porque sou assim d'este tamanho Pensam que sou pateta?

#### **Emilia**

Intromettida! Deixa-te estar! Eu vou dizer á Martha Que não se fie em ti, lingua comprida.

## Margarida.

Que bem me importa... Eu digo que uma carta Já Lucinda do moço trouxe um dia. O papel era azul, todo bordado E do enveloppe bem no meio havia Um casal de pombinhos num cercado.

Toma a boneca no sofá e poe-se a brincar.

## SCENA IV

Martha, entrando pela esquerda, com um lyrio na mão. A Livia:

'Stá lindo o luar lá fóra; Claro que parece o dia E a senhora, que mania! Sempre aqui n'esta enxovia...

Beijando-a:

Tenha mais gosto, senhora!

## Livia, tranquillamente:

Martha, o tempo de taes éstos
Já lá foi longe! lá foi!
Hoje os meus dias são méstos.
O mesmo prazer me dóe.
Da noite linda no ceu
O dôce clarão lunario
A' moça parece um veu,
Mas lembra á velha um sudario.
Tu vês em tudo o futuro,
Eu vejo o passado em tudo.
Para mim tudo hoje é escuro,
Tudo é triste e quieto e mudo.
Ao mesmo sol que alumía
A minha magua resiste.

Com a mão sobre o coração:

Quando aqui já não ha dia A mesma alegria é triste.

#### Martha

O' mamãe, d'esta maneira Não vale a pena viver. Pareces uma geleira Sempre e sempre a discorrer. Bem sei que estás velha e enferma Mas a vida—essa aridez— Não queiras inda fazer-m'a Mais triste que Deus a fez. Pois mamãe não foi creança? Não foi moca como eu sou? Não teve tanta esperança? Não foi feliz? não gosou? Não nos teve e mesmo agora Não tem Margarida ao collo? Ter a noite em torno a aurora Já é um grande consolo. Ter o inverno em torno ao frio Da sua triste velhice Da primavera a meiguice Do outono o fructo, do estio O doce calor do affecto Os filhos em torno ver Ter o affago do seu neto É, minha mãe, reviver.

Margarida, caminhando para o sofá a mirar a boneca:

Dorme, dorme, pequenita; Dorme na paz de Jesus. Que noite fresca e bonita! Um anjo a lua espevita Para que nos dê mais luz.

Deita a boneca.

Emilia, á Martha:

Tens um sello?

#### Martha

Talvez, não sei. Procura Na gaveta da minha escrevaninha. Ora, espera... na cesta de costura, Não sei bem se na tua, se na minha Hoje ou hontem, não sei, dois sellos vi Um cor de rosa e outro...

#### **Emilia**

...do Japão Podes guardal-os ambos para ti, Se é que de sellos fazes collecção.

A' Livia, carinhosamente:

Quer o seu chá, mamãe?

Livia

Não, inda é cêdo.

Esfregando as mãos:

Que frio faz...! Vocês não sentem frio?

Martha, com espanto:

Pois mamãe sente frio?

Livia

E muito!

#### Martha

Crédo!

Livia, com ironia:

O inverno, Martha, não consegue o estio.

Emilia

Vou ver Lucinda... Com licença...

Entra á esquerda.

## SCENA V

LIVIA, MARTHA e MARGARIDA, no sofá.

· Livia

Agora Que estamos sós, ouve aqui, Martha.

Martha, desconfiada:

Que é?

Livia

Que tens? Que tanto buscas lá por fóra?

Martha

A lua...

#### Livia

A lua d'aqui tambem se vê.

#### Outro tom:

Inda ha pouco falaste a meu respeito
Dando a entender, não negues, que, mui breve,
Succumbirei transida sob a neve
Que o meu corpo regela e traz sujeito.
Inverno eu sou e, ali defronte, um somno
Calmo, innocente a primavera veste.
Tu és o estio e tua irmã o outono...
Não foi isto que, ha pouco, me disseste?
Pois ouve, Martha: não te contrarío
Contrariando a lei da natureza.
Não é justo que eu prenda junto ao frio
Um coração que o sol tem como presa.

Sons de flauta fóra. Movimento ancioso de Martha.

Amas, lá fóra chamam-te, bem ouço. Deixa o inverno tremer junto á lareira. Amas um moço.

#### Martha

Eu não, mamãe. Que moço?

#### Livia

Não negues que eu conheço a historia inteira.

## Com intenção, mostrando Margarida:

A primavera o estio denuncía, A abelha esperta denuncía a flor. Dize—não suspeitavas que en sabia A historia toda d'esse amor?

## Martha, amuada:

Eu bem vejo Margarida
Seguir-me os passos, bem vejo!
Mas eu dispenso o cortejo
De lingua assim tão comprida.
Se venho um pouco á janella
Lá vem Margarida atraz;
Se cumprimento um rapaz
Com mil perguntas vem ella:
Quem é? D'onde me conhece?
Que faz? Onde mora? Emfim
Até, palavra! parece
Que tem ciume de mim.
Eu sou moça, ella é creança.
Que fique no seu lugar.

## Livia

A primavéra é a esperança: Ella começa a esperar. Começa á flor vir perfume, Começa o ninho a cantar. O coração inda implume Já tem o instincto de amar. E' innocente, não pecca,
Não tem calor, só tem brilho
Emtanto affaga a boneca
Como se affagasse um filho.
Instincto, Martha, destino...
Não te revoltes por isso.
O coração feminino
E' flor que aponta sem viço
Mas já flor, já destinada
A dar perfume e a morrer.
Amar sem ser mesmo amada
E' o destino da mulher.

## A flauta soa. Movimento impaciente de Martha.

E' a voz do amor que te chama Espera, demora um pouco.
Não vás tão sofrega á chamma.
Não te guies por um louco.
O coração não tem tino
E' desvairado, imprudente...
Olha que Amor é menino
Que zomba de toda a gente.

## Attrahindo-a:

Ouve as palavras seccas d'uma velha Que á vida, anciosa, inda por ti se agarra. Não é Livia tua mãe, quem te aconselha, E' a formiga que fala a uma cigarra. Cuida do teu futuro, mas com calma. Sê virtuosa e forte, altiva e casta. Filha, a virtude é a claridade d'alma.

A flauta sôa.

Martha, anciosa:

Basta, mamãe; já sei.

Livia

Inda não basta. Martha, a consciencia que nos acompanha, Como a sombra acompanha o corpo, é activa. Tudo recolhe pela vida e apanha A mais pequena idéa fugitiva. Tens um máo pensamento e, com virtude, Lanças longe de ti esse peccado? Ella o apanha sollicita e, amiúde, Tral-o á memoria como um condemnado. Actos, palavras, devaneios, Martha Tudo ella guarda com cuidado avaro E. ao fim da vida, da taleiga farta Tira quanto guardou - sombrio ou claro. Para quem foi bondoso, amigo e honesto A consciencia, filha é, na velhice, um astro. Mas quem deixou na vida um negro rastro Tem na consciencia, após, brazeiro infesto. Traze tua alma sempre limpa e pura Como trazes o corpo, o asseio interno Faz com que seia clara a noite escura E amenisa da vida o triste inverno.

Ai! de quem foi descuidado Nos annos destros da vida. Chega á velhice, coitado! Sem luz, sem pão, sem guarida. Ai! de quem foi imprudente Nos dias da mocidade! Chega á velhice inclemente Sem luz de felicidade. O coração, na velhice, Quer achar como pascigo Memorias da meninice, Saudades do tempo antigo. E, vê bem! faze obra pia Vive em paz e com prudencia Para que não venha um dia A causticar-te a consciencia. Eu vivo do meu passado Nos gelos d'este presente.

# A flauta sôa. Sorrindo:

Vae ver o teu namorado.

Mas, ouve bem: sê prudente!

E nunca penses que andas só na vida—
Anda sempre comtigo...

## Martha

Margarida.

## Margarida, lentamente:

Dorme, dorme, pequenita. Dorme na paz de Jesus; Que noite fresca e bonita! Um anjo a lua espevita Para que nos dê mais luz.

Sôa, ao longe, um sino:

## Livia

Ave! Maria, cheia de graça...

Continua balbuciando e adormece com o volume das Horas aberto no collo.

# Martha, á janella:

Oh! que bom cheiro de jasmins se evola! Que noite calma e illuminada! A lua cheia, dentro da corolla Do espaço, dorme socegada. Que silencio! (Voltando-se:) Mamãe?

Indo espiar Livia:

Dorme, coitada!

E Margarida?

Mesmo jogo. Contente:

Tambem dorme! Graças! Nem conselhos, nem risos, nem chalaças...

## Radiante:

Expande-te, minh'alma enamorada!

## Descendo .

O coração, que todo o ser resume, É mimoso e discreto como a flor Que só á noite expande o seu perfume Como elle, á noite, expande o seu amor. Que lucras, coração, com taes conselhos? Vaes, por elles, deixar o amor de parte? Não dês ouvidos ao que dizem velhos Que elles não fazem mais do que invejar-te. Se é crime amar, porque fez Deus o amor? Deus não se engana no que faz nem erra. Que seria, meu Deus, do teu primor Se o coração faltasse um dia á terra?

## Com malicia:

Essa que alli dormita acabrunhada
Tem no fundo da mala, entre diversos
Papeis da sua mocidade andada,
Maços de cartas amarellecidas,
Quantidade fantastica de versos,
Flores e folhas seccas corroídas.
Essa que ali dormita sobre as *Horas*,
Tão tranquilla, tão seria e tão modesta,
Foi a inveja de todas as senhoras.
Quando ella apparecia augusta e bella,
Dando esplendor e graça a'lguma festa,
O despeito fervia em torno d'ella.

E foi amada e amou. Hoje, entretanto, Esquecida do tempo antigo e, certo, Com razão porque o tempo não vae perto, Quer que eu viva á monastica, num canto. O' memoria que rapida e fugace Passas, relembra á pobre velha agora Esse tempo que jaz no fundo outr'ora, Tempo que Deus não deixa que repasse.

# Voltando á janella; depois d'uma pausa:

Ninguem! Ao luar, deserta, A rua em silencio dorme. E a lua, no ceu aberta Lembra uma acucena enorme. Ouço apenas dos tranquillos Pomares, subindo lenta, A voz sonóra dos grillos Na paz muda e somnolenta. Lá longe uma luz fulgura... Tão longe! perto do mar. Talvez alguem que procura O amor perdido, a chorar. Como se ouve bem na calma Da noite e da solidão A voz delicada d'alma E o bater do coração.

# A' janella, apaixonadamente:

A janella do quarto continúa Fechada e muda e toda illuminada Pelos raios alvissimos da lúa
Lembra uma lapide nevada.
O' meu amor! que fazes? porque tardas?
Porque não vens? A noite corre asinha.
Porque tua alma avaramente guardas
Na indifferença assim, longe da minha?
Vae, minh'alma, vae! convence-o
A vir aqui me falar
Emquanto reina o silencio
E brilha o limpido luar.
Vae, minh'alma mensageira,
Não pares um só momento.
Desfere o vôo ligeira
Com azas de pensamento.

Com emoção, a mão no peito, os olhos alargados:

Espera! fica tranquilla! Susta o impeto! Socega! Na pobre janella cega Esplende agora a pupilla.

# A paix on a damente:

Eil-o, emfim! O' noite clara, Para completo esplendor, Tens agora a estrella rara, Que é o astro do meu amor.

# Margarida, sonhando:

Dorme, dorme, pequenita: Dorme na paz de Jesus. Que noite fresca e bonita! Um anjo a lúa espevita Para que nos dê mais luz.

# Uma voz, cantando ao longe:

Ando tão venturoso com querer-te Que, por achar demais tanta ventura, O' delicada e meiga creatura, Temo que venha o instante de perder-te.

Todo o bem que, em minh'alma, este amor verte Faz-se depressa em pérfida tortura. Julgo que enlouqueci, pois é loucura Pensar que te perdi, só por não ver-te.

Se penso, és tu meu pensamento; canto És tu a estrophe do meu canto; falo Teu nome é o termo que me sahe risonho.

Se de saudade chóro, és o meu pranto; És meu silencio, se de dor me calo; És o meu sonho, quando, á noite, sonho.

Logo aos primeiros versos Margarida acorda, corre os olhos pela sala, escuta e, pé ante pé, com a boneca nos braços, vae despertar Livia e as duas, mudas, extasiadas, conservam-se d'olhos fitos na janella onde Martha, enlevada, dá attenção ao canto. Ao primeiro verso do primeiro terceto Emilia apparece á esquerda con-

servando-se junto ao bastidor, attenta, com uma creança ao collo. Com o ultimo terceto o panno começa a descer lentamente e, morrendo o canto, Martha, apinhando os dedos, atira um beijo a alguem; Livia suspira e, inclinando-se, beija a cabeça de Margarida, que passa distrahidamente a mão pelos cabellos da boneca e beija-a. Emilia, com a physionomia illuminada por um sorriso feliz, aperta a creança d'encontro ao seio e beija-a.

## **PANNO**

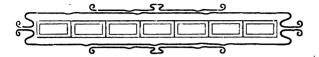
# Ao luar

PEÇA EM 1 ACTO

Representada, pela primeira vez, ne theatro Sant'Anna a 11 de Julho de 1900

## **PERSONAGENS**

Alda .				Snr. Lucilia Simões
Clara .			<i>.</i>	Snr. Lucinda Simões
Uma voz		٠.		Sr. Christiano de Sousa



Salão ricamente mobilado. Janellas ao fundo, fechadas. Portas á direita e á esquerda. Housses brancas enfronham as cadeiras. Figuras de marmore e de bronze avultam sobre columnas. Em vasos preciosos esbeltas lataneas espalmam os seus leques verdes. Ao centro uma conversadeira. A scena completamente escura.

# **SCENAI**

## Alda, só:

De preto, os cabellos soltos, ar mystico de somnambula, Alda entra pela direita, em passos morosos, o olhar suspenso. Detem-se e com as mãos juntas, os dedos enclavinhados, fica um momento extatica, como a rezar. Pouco a pouco um sorriso melancolico illumina-lhe a face macerada e pallida. Subito, estremecendo, como se sentisse alguem na treva a contemplal-a, volta-se, espalha olhares pávidos em torno, arquejando, mas, fitando os olhos na porta da esquerda, queda-se immovel, como petrificada. Voz surda:

É elle! Juro, se preciso fôr, sobre os Santos Evangelhos. É elle que me visita todas as noites, no silencio apavorante das horas altas. Posto que o não veja, sinto-o. Quando elle penetra o meu quarto enche-o todo com o assombro da morte: as mesmas coisas tremem. As cortinas ondulam

tufadas como ao sopro de um vento mysterioso, a lampada crepita, ás vezes apaga-se, os moveis estalidam. A porta ábre-se e fecha-se sem ruido, como a sensitiva nos campos. (Circula a sala com um olhar medroso.) Minh'alma fica gelada, ponho-me a rezar e a tremer e sinto que tudo treme em torno de mim, com medo. Já uma vez, alta noite, o vi tal como o levaram a enterrar: de preto, as mãos postas, os olhos semi-abertos, embaçados, como dois lagos adormecidos num frio bosque assombrado, a barba a apontar como as ortigas que nascem nas ruinas. Era elle! Veiu até mim com um andar subtil e surdo. Fechei os olhos e continuei a vel-o... Puz-me a rezar, chorando, e elle, deante dos meus olhos fechados, chorava, de pé, hirto e frio, tão frio, que o quarto parecia ter as paredes de gelo e gelar. Toda a casa está cheia d'elle e eu sinto-o dentro em mim, assombrando-me a alma. (Depois de uma pausa.) Tres mezes apenas! Ainda a terra não o devorou e já o esquecimento consumiu a sua memoria. O' a larva voraz que é a ingratidão! As flores que lá ficaram sobre o tumulo guardam ainda as suas petalas, apezar das chuvas e dos sóes... o coração... já o despediu Nada ha mais d'elle na vida... nem a lembranca. Minha mãe... lá está! (Tira um papel do bolso, abre-o, contempla-o:) Por baixo do crepe tristonho lêm os olhos palavras taes. (Sorri tristemente. Dobra o papel e quarda-o.) Foi por isto

que ella me exilou transferindo-me para a velha camara. Lá, com o murmurio das arvores, separada pelo comprido corredor, não poderei ouvir as palavras que dizem. (Depois d'um silencio:) Ouco-as, ouco-as todas, uma por uma — quem m'as traz aos ouvidos é o pobre espirito ultrajado, o pobre espirito trahido. Hoje, com a lua clara, da minha janella eu o vi passar por entre as arvores, cauto, medroso como um ladrão. O cão dormia, não o sentiu; todavia eu despertei avisada, com a janella aberta e, por entre as grades que me defendem acompanhei-o com o olhar. Julguei, a principio, que era victima dos meus cuidados e disse commigo: "São as tuas apprehensões que vagam dentro da noite, é o teu medo que ali caminha reflectido na tela do luar.. Mas não, era a realidade cruel. Nem era o suave espirito do que acabou sem um ai! que vinha, carinhosamente, rondar a casa perdida, nem eram as apprehensões de minh'alma... Alvorocada, a tremer, com um grande frio de medo, agarrei-me ás grades com todas as minhas forças e vi! É um intruso... Lá está na mesma camara em que o outro viveu e morreu, deante do Christo sereno que fez a vigilia funebre á cabeceira do morto, alumiado pela mesma lampada que, n'outro tempo, era o lume virtuoso do altar domestico, no mesmo leito... nos bracos de minha mãe. E como cheguei ao conhecimento de tudo? não sei. Foi elle que deixou o sepulchro vasio para vir encher

minh'alma de amargor e de horror. Foi elle que me accendeu o olhar para que eu visse na treva como as aves nocturnas; foi elle que me arrastou á janella para mostrar-me o intruso. (Ouve-se o uivo de um cão). Oh! (Corre á janella, abre as folhas de madeira—o luar penetra e alastra lividamente o soalho. Encrava-se no vão da janella e fica contemplando a noite). Tudo é silencio. Lá fóra ha um socego feliz. (O cão niva:) Porque chora assim o animal? que terá elle? talvez o tenha visto passar... Eram tão amigos! E minha mãe? (Vae á porta da esquerda e fica á escuta:) Lá está! (Com ironia:) Ch! o amor... o divino amor! (Encaminha-se para o piano, abre-o e preludía baixinho:) Sinto-o em torno de mim como uma atmosphera. (Levanta-se desvairada e agita-se como para sacudir alguma coisa que lhe pesa sobre os hombros. Ouve-se-lhe o bater dos dentes : retorce as mãos). Que frio! (Abre as vidraças:) E a noite está morna... a brisa é tepida como um halito. (Corre os olhos assombrados pela sala e sorri tristemente). Pobre espirito! Vou rezar uma oração para que repouse. Caiam as minhas palavras sobre as angustias da pobre alma como o orvalho sobre as flores que um sol forte crestou. (Desligando as mãos.) No tempo em que vivia se se lhe aggravava o soffrimento chamava-me e pedia-me que lhe abrandasse as dores. (Começa a executar brandamente, docemente, a sonata Luar). Quasi sempre melhorava. Talvez ainda lhe faça bem. (Vae tocando machinalmente, como em sonho. Pouco a
pouco, porém, enlevada, exalta-se fazendo vibrar o piano. De quando em quando volta-se
como para ver se ha alguem na sala). Sinto-o!
Sinto-o! não tão frio como no primeiro instante...
(Agita a cabeça anciosamente, respirando a
custo. O cão uiva. Põe-se a chorar e lentamente, deixando o piano, vae encravar-se no vão
da janella a olhar perdidamente).

## SCENA II

## ALDA e CLARA

Clara apparece á porta da esquerda em roupão, com um castiçal, o braço erguido para alongar a claridade. Olha attentamente, devassando. Entra medrosa, pé ante pé. Baixinho, à chamar:

#### Clara

Alda! Alda! (Depois d'uma pausa; com medo:) Alda! Não está... E' singular. Entretanto pareceu-me ter ouvido accordes. (Com firmeza:) Seguramente os ouvi. Alda! (Avança cautelosamente. Dando com o luar:) Que claridade é esta? Terão esquecido a janella aberta! Alda! (Outro tom:) O piano está fechado. (Alteando o castical). Não, está aberto. Não me enganei... estiveram a tocar. (Esbarra em uma cadeira).

Alda, com um grito, voltando-se repentinamente, hirta, cosida á janella:

Ah!

Clara, deixando cahir o castiçal, assombrada:

Ah! (A tremer:) Quem está ahi?

Alda adeanta-se. Defrontam-se e ficam immoveis na faixa de luar.

Alda

Minha mãe...

Clara

És tu? Que fazes ahi ao relento?

## Alda

Contemplo a noite magnifica e ouço o sonho das cousas. Fugi ao leito profanado. Antigamente era o sonho carinhoso que ali me esperava, agora é a insomnia, a torturante insomnia com as allucinações terriveis. Meus olhos estão roxos e machucados, são como duas viuvas vestidas de luto. Espero aqui a manhã.

Clara

Eras tu quem tocava?

Era eu. Sou uma enfermeira de mortos: estava a dar allivio aos finados.

## Clara

Que tens? Porque falas assim? (Toma-lhe o pulso:) Estás gelada. Estás toda gelada. (Fecha a janella.)

## Alda, abrindo-a de par em par:

Deixe-a aberta. O frio não vem da noite. Aqui é que faz frio, aqui em casa. Minha mãe não sente? (Indicando a porta da esquerda:) Lá deve ser ainda mais frio porque foi lá que elle morreu.

## Clara

Quem?

## Alda

Meu pae. (Com ingenuidade:) Pois minha mãe não sabe que elle morreu? É por isto que manda prender o cão e conserva a porta apenas encostada para que elle, ao recolher, não fique exposto ao frio esperando que lhe vão abrir...

#### Clara

Porque dizes tal?

Porque é a verdade. (Outro tom:) Na minha camara não se póde dormir, tão gelada é. Sinta as minhas mãos—estão como dois pedaços de neve... E' do frio que lá faz... um frio que dóe, um frio que faz chorar...

## Clara

Mas que tens tu, minha filha?

## Alda

Eu? nada. (Sorrindo tristemente:) Já agora não faz tanto frio porque elle partiu. Que horas serão? (O cão uiva). Lá vae elle! Ouve? Lá vae elle. Foi mamãe quem o assustou. Elle estava aqui, a meu lado; eu sentia-o, sentia-lhe as mãos geladas. Foram ellas que desmancharam os meus cabellos, assim. (Tomando as mãos á Clara:) Sinta as minhas faces—não ha lapides mais frias... é que as suas mãos andaram a affagal-as emquanto eu dormia. Elle esteve a ouvir-me, d'alli. (Indica a conversadeira).

Clara

Quem?

Alda

Meu pae.

## Clara

Tu estás louca, minha filha!

#### Alda

Louca...Que fiz eu para que assim me julgue? Não é elle meu pae? Não póde uma filha ficar com o espirito de seu pae, que a procura? é deshonesto? E se eu houvesse recebido o meu namorado? Louca, porque não o esqueci... Ainda é cedo, mamãe: ha apenas tres mezes.

## Clara

Vae para o teu quarto.

## Alda

Não, está muito frio. Veja como as minhas mãos estão frias: parece que as tirei d'agua gelada. E toda eu estou assim... o mesmo coração está assim: sinto-o tremer. (Encosta a mão de Clara ao peito). Sente?

## Clara

Tu estás doente, minha filha.

# Alda, com intenção, fitando-a:

Quer mamãe falar no medico? Não, elle póde contaminar-me: é um homem que prepara cada-

veres. Quando o vejo lembro-me dos mortos. (Outro tom:) Recorda-se dos ultimos dias do infeliz quando, já sem ar, elle pedia que o trouxessemos para aqui, ás vezes tarde, por estas horas. Que horas serão?

#### Clara

Vae para as duas.

#### Alda

Na vespera da morte estivemos aqui até ás tres e meia, com elle; lembra-se? Era noite de luar, como a de hoje, e elle pedia-me que tocasse a sua sonata predilecta. Mamãe chorava, soffria muito, tanto que o moribundo mandou chamar o medico. Quando elle chegou eu estava á janella e... (De repente:) Terá elle morrido, mamãe?

# Clara, sobresaltada:

Quem?

#### Alda

O medico. Deve ter morrido porque foi a sua sombra que, ha pouco, atravessou o jardim. (Depois d'uma pausa; outro tom:) Elle passou o resto da manhã comnosco e mamãe melhorou. Elle estava ali, com os olhos cheios de afflicção e de ternura e o ar que lhe entrava pela bocca silvava. (Mostrando a conversadeira:) Elle estava ali, mais pallido do que o luar. Olhe, veja

como estou fria, só por haver pensado n'elle. (Clara vae fechar a janella. Oppondo-se:) E' escusado fechal-a. Já agora elle está comnosco.

Clara, depois d'um momento angustioso:

Alda, mas que tens tu?

#### Alda

Eu? (Examina-se:) Mamãe sente alguma coisa? (Com intenção:) Quer que eu mande chamar o medico?

## Clara

Quem te falou em medico?

## Alda

Pois não foi a senhora? (Outro tom:) Ouça... (Senta-se ao piano e recomeça a sonata). Lembra-se? (Clara ouve, arquejando). Lembra-se? (Estremece e levanta-se impetuosamente. Clara segue-lhe o movimento impulsivo e as duas, immoveis, fitam-se com assombro. O cão viva lamentosamente. Alda estende o braço como para mostrar alguma coisa dentro da noite). Ouviu? (Vae pé ante pé até á janella, olha e torna para o piano).

#### Clara

Está muito frio... Fecha a janella.

Não, o frio está comnosco. O pobre espirito vem aquecer-se junto a nós; demos-lhe um pouco de calor... as covas são geleiras. "O inverno é a supuração dos tumulos como a primavera é a exhalação dos berços,. Isto eu ouvi em sonho. 0 amor é mais forte do que a morte e não é só com as manifestações ruidosas do beijo e das palavras languidas, dos juramentos nascidos na bocca, sem raizes no coração, que se demonstra 0 amor-é tambem com a saudade que é ainda um apêgo, um carinho, o derradeiro affecto que se consagra aos desapparecidos. Pois não é? Emquanto eu durmo minha mãe esquece-me porque não me ouve os passos, porque não vê a minha sombra mover-se? não. E porque havemos dé esqueder os finados? Os mortos andam comnosco. Eu, todas as noites, depois das minhas rezas, peço a benção a meu pae como dantes pedia e sinto que elle me abençôa; assim é tambem natural que minha mãe o sinta no leito a acompanhal-a. a adoral-a, a guardal-a. (Infantilisando-se:) Se eu morresse mamãe teria coragem de tomar uma donzella que me substituisse, alojando-a na minha camara, dando-lhe o meu leito, os meus moveis, as minhas joias, os meus passaros, o seu carinho e a sua benção?

## Clara

Que loucura, minha filha...

Não faria... Então porque?...

## Clara, abrindo muito os olhos:

Que queres dizer...?!

## Alda, sombriamente:

Quero dizer que os mortos não podem ser substituidos.

#### Clara

Alda, minha filha... Tu estás doente.

## Alda

Eu? mas se o medico viesse ver-me eu morreria de vergonha. (Meiga:) Mamãe não me forçaria a beijar-lhe a mão e as faces como eu fazia a meu pae, não é verdade?

#### Clara

Porque falas assim?

## Alda

Porque? não sei. Que disse eu? Estou falando tresloucadamente. Talvez não seja eu quem fale: passa por meus labios um sopro gelado, a minha

bocca está a serviço de alguem. (Surdamente:) A minha bocca é como um palco onde minh'alma repete as palavras que o ponto lhe sopra do fundo da cova. (Outro tom:) Meu pae anda sempre perto de mim. Ainda hoje o vi.

Clara

Tu?!

Aida

Eu estava rezando quando senti o coração crescer, como se inchasse. Fiquei suffocada, sem ar; a prece morreu-me nos labios, todo o meu corpo arrufou-se. Tive um grande medo, mas uma força estranha impellia-me para a janella. (Tem um arrepio; respira com angustia:) Saltei da cama descalça...

Clara, com medroso interesse:

Quando?

Alda, arrancadamente:

Hoje!

Clara

Hoje?!

Alda

Hoje. Fiquei a olhar e vi.

Clara

Que viste?

Um vulto...

Clara

Viste?

## Alda

...caminhando cautelosamente por entre as arvores. Apparecia, desapparecia ao luar. O saibro não crepitava sob os seus passos, as ramas não boliam quando elle por ellas roçava. (Surdamente:) Era elle!...

## Clara

Quem?

## Alda

Quem? Que outro homem poderia entrar n'esta casa a horas taes? (Outro tom:) A porta abriu-se sem ruido como se houvesse sido subornada por lubrificantes; e elle passou, desappareceu. (Em roz oracular:) Só os espiritos entram assim nas casas fechadas, forçando a porta com um sopro... os espiritos ou os criminosos. Quem seria? No tempo em que elle vivia um homem atravessava o jardim, á noite, com mysterio e a porta abria-se devagarinho, caladamente, para dar-lhe passagem... (Com intenção:) Era o medico. (Movimento de Clara). Hoje, porém, que não ha enfermos que exijam cuidados... (Com simulada

meiguice fitando os olhos em Clara:) Se mamãe soffresse eu seria a primeira a saber, não é verdade?

## Clara

Mas eu não soffro...

# Alda, depois d'uma pausa, como em soliloquio:

E' mais venturosa do que eu que não me livro um instante do soffrimento injusto. (Outro tom:) Tremula, percorri toda a casa, examinando canto por canto. (Repentinamente, n'um sobresalto:) Ouviu?

Clara, estremecendo:

O que?

Alda

Gemeram...

Clara, aterrada:

Gemeram?!

Alda

Sim! Gemeram como elle gemia.

## Clara

Oh! meu Deus... Tu estás louca, minha filha.

Gemeram, bem ouvi. Ah! meu Deus, que terá elle? Quem sabe, minha mãe... Quem sabe! Os mortos vêm claro nas sombras mais densas. Quem sabe se não está para acontecer-nos alguma coisa? (O cão uiva:) Ouça! Ouça! (Agarra-a nervosamente).

Clara

É o cão?

Alda, depois d'um momento de attenção:

Mas espere... (De repente:) Já volto.

Clara

Onde vaes?

Alda

É um instante... (Encaminha-se para a direita).

Clara

Deixas-me só?

Alda, entrando á direita:

Elle está ahi.

Clara

Alda...!

## SCENA III

Clara, só; depois de meditar.

O melhor é fazel-o sahir incontinente. Que terá ella? deve ser molestia: a febre mais ligeira fal-a delirar. Foi sempre assim, desde pequena. Demais, não dorme. As vigilias á cabeceira do enfermo habituaram-na a trocar as noites pelos dias. Quatro mezes! Pobre Alda! Ainda não lhe vieram as crises durante as quaes fica como morta, rompendo repentinamente a cantar e a chorar. Permitta o Senhor que lhe não venha a crise. "Ella pode sahir d'uma d'essas commoções perdida,. (Voltando-se para a esquerda:) disse-me elle ainda hoje. (Outro tom:) Não creio que ella suspeite. Verdade é que, de uns tempos a esta parte, evita-me, anda com muita reserva, mal responde ao que pergunto. Se ouve o rumor dos meus passos fica perturbada, como uma criminosa, e corre a fechar-se no quarto. E ella, que dantes chorava a qualquer referencia que se fazia ao finado, agora fica impassivel ou irrita-se e foge. Mas que razão tem ella para desconfiar? Ninguem andaria com mais cautela do que eu ando. Elle entra tarde, quando todos dormem. O cão não ladra, tão longe está que só farejando o ar poderá sentir o hospede nocturno. Entretanto as suas palavras, os seus olhares... Viu um

vulto... Seria uma allucinação? deve ter sido. A lembrança do pae não a deixa. (De repente:) Mas que tenho eu? (Vae fechar a janella e recua assombrada. O cão uiva). Que tenho eu? (Caminha para a esquerda e fica á escuta. Surdamente:) O melhor é fazel-o sahir quanto antes. É preciso que eu fique com ella. (Procura a vela no chão). A vela cahiu por aqui. Não está. (Erguendo-se:) E' preciso que elle saia quanto antes. (Caminha precipitadamente para a esquerda; detem-se um momento á porta e desapparece. Depois d'um pávido silencio o cão uiva. Alda entra pela direita com um phosphoro acceso. Procura a mãe com o olhar e sorri amargamente lançando o phosphoro pela janella.

# SCENA IV

## Alda, só:

Toda a casa está forrada de luto, ha ainda cheiro da cera que ardeu á cabeceira do morto... Durante o dia tudo aqui é funebre. O sol deve julgal-a innocente, á noite, porém, cahem-lhe os crepes do corpo e a hypocrisia da alma. (Outro tom:) Não! os mortos não voltam. Deus é misericordioso bastante para poupar tortura tamanha aos miseros exilados. Se a alma carinhosa do que

se partiu voltasse á noite e visitasse os cantos da casa sahiria assombrada, ella sim. Quem nos diz a nós, que não vemos bem com os olhos feitos para a luz do dia, os mysterios da noite, que essas gottas que amanhecem brilhando nas hervas e engastadas nas flores não são lagrimas dos mortos que sahiram em visitação aos vivos? Pobres mortos! Fogem aos tumulos sofregos de saudade e recolhem-se desilludidos e arrependidos. Não, não voltam... O que eu vejo, o que eu sinto são os meus cuidados; os espectros sahem de mim—eu é que sou o sepulchro que exhalo duendes. Os vivos, depois dos enterros, fazem como as donas de casa ao despedirem as visitas: ficam á vontade, desaffrontados e livres. (Tristemente:) Tu eras uma visita de ceremonia n'esta casa, pobre homem! Partiste... ella lá está. (Ouve-se bater uma porta com violencia. Estremece, fica um instante á escuta. Corre á janella devassando o parque. Risca um phosphoro, chega-o á altura dos olhos como para alumiar-se; inclina-se á janella e queda-se. O cão ladra furiosamente. Ouvem-se vozes surdas no jardim. Com angustia:) Oh! meu Deus... (Chamando:) Manoel! Manoel! (Clara entra pela esquerda sobresaltada). Manoel! (Risca um phosphoro e atira-o pela janella).

# SCENA V

# ALDA, CLARA; UMA VOZ FÓRA

## Clara

Para que chamas o jardineiro? (Vendo-a atirar um phosphoro pela janella:) Que fazes?

## Alda

Espalho vagalumes. (Chamando:) Manoel?

## Clara

Sahe da janella. (Tenta affastal-a para fechar a janella).

#### Alda

Venha ver agora para não repetir que estou louca. Ha pouco, quando eu falava, a senhora olhava-me com olhos piedosos e cheios de incredulidade julgando-me louca. Venha ver. Ouve o cão? está solto, fareja o jardim. (O cão ladra mais perto).

## Clara

Quem soltou o cão?

## Alda

Alguem. Não foi o luar que fundiu os elos da corrente: a luz da lua é fria como a claridade

da neve. Venha ver agora. (Trava resolutamente do braço de Clara e arrasta-a á janella). Ali! vê? por entre as arvores... lá vae! (O cão ladra).

## Clara

Mas quem soltou o cão?

## Alda

Não sei. Ponha os seus olhos no jardim, minha mãe. A scena é mais interessante no jardim do que no meu rosto. Ponha os seus olhos no jardim. Agora! (Chamando:) Manoel! Manoel!

## Voz, fóra:

Estou a prender o cão.

## Alda

Quem está comtigo?

# Voz, fóra:

O pequeno que trouxe o recado da patrôa.

## Alda

Deixa o cão solto.

## Clara

Não! (Estranguladamente:) Não! (Ouve-se linir uma campainha á distancia)..

Alda, á janella:

Quem sahiu?

Voz, fóra:

Foi o senhor doutor.

Alda, volta-se de repente e crava os olhos em Clara que recua:

Ouviu? (Palavra a palavra:) Foi o senhor doutor. (Ameigando-se:) Então havia um enfermo aqui em casa? (O cão ladra ao longe.) Porque não me disse, mamãe? Hei de ser a ultima a saber do seu soffrimento? Fica um estranho á sua cabeceira e eu, que devia lá estar, conservo-me no quarto, a ler tranquillamente? Não, é muita bondade, é muita bondade. Quero agradecer ao bom amigo tão discreta e desinteressada sollicitude. (A' janella, chamando:) Manoel! Manoel!

Clara

Que vaes fazer?

Voz, fóra:

Patrôa!

Chama o doutor depressa.

Voz, fóra:

Quer que o chame?

Clara, angustiadamente:

Não! Não!

Alda, com calma:

Porque?

## Clara

Não! deixa-o ir. (Contendo as lagrimas): Que queres fazer, Alda?

## Alda

Agradecer os carinhos que elle lhe dispensou. Não foi elle que ficou á sua cabeceira? Durante a molestia de meu pae, sempre que elle se retirava, a senhora acompanhava-o até á porta e lá ficava muito tempo, falando-lhe baixinho, sem duvida agradecendo-lhe os cuidados. E' preciso que eu faça o mesmo. (Chamando:) Manoel!

Clara, fraca, implorando:

Não! deixa-o partir. (De mãos postas, tremula, quasi ajoelhada:) Deixa-o!

## Alda, amparando-a:

A senhora soffre? (Fal-a sentar-se na conversadeira, ao luar:) Que tem? Porque chora? (Repentinamente, tirando um papel do bolso:) Tenho aqui uma receita que achei hontem. Creio que é a mesma que elle formulou quando, dias depois do enterro, uma noite, mamãe o mandou chamar. Veja! (Entrega o papel e risca um phosphoro segurando-o, a tremer, perto do rosto de Clara. Clara, ao ver o papel, suffoca um grito; levanta-se impetuosamente e crava os olhos enormes em Alda que se mantem impassivel).

Clara, com voz surda, a tremer:

Onde achaste esta carta?

## Alda

Carta?! Pois não é uma velha receita? Mamãe vê mal. Dê-m'a que eu leio, estou acostumada a ler á luz do luar. (Clara amarfanha o papel). Que faz? (Clara expõe-se ao luar e examina o papel, a tremer, balbuciando palavras inintelligiveis. Levanta a cabeça e dá com Alda impassivel, a fital-a). Não é uma velha receita?

#### Clara

Tu leste o que está aqui?

# Alda, depois d'uma pausa:

Não, não li. Mamãe lê ainda o que está escripto n'aquella gravura? (Mostra um quadro:) Não, porque conhece os dizeres e o assumpto. Para que havia eu de ler? (Sorri).

## Clara

Alda! (O cão ladra ao longe).

## Alda, correndo á janella:

Ahi vem o medico. (Um grande vento bate as janellas com violencia. Recuando aterrada:) É meu pae! (Desvairada:) Vê, mamãe? vê?! (Hirta, d'olhos muito abertos, agarra-se ao piano).

## Clara

Alda! Minha filha! (Alda põe-se a arquejar, depois a rir; descança a mão no teclado que sóa). Que tens, minha filha? (Alda conserva-se immovel). Fala! (Corre á janella e chama:) Manoel! Manoel! (Lancinantemente:) Manoel!

# Voz, ao longe:

Patrôa!

#### Clara

Vae depressa chamar o doutor. Vae a correr...!

## Voz. fóra:

Chamar o senhor doutor?

Clara

Sim!

Alda, num grito, ajoelhando-se:

Meu pae!

Clara

Alda!

Alda, depois de fitar a mãe, com uma voz silvante, como se lhe cuspisse a palavra no rosto:

Má!

Soluça e ri ao mesmo tempo e cahe com uma gargalhada sinistra. Ouve-se o som de uma campainha á distancia. O cão uiva lamentosamente.

## Clara, desvairada:

Alda! (Desdobra o papel, olha-o a tremer. As janellas batem estrondosamente. Aterrada, agarrando-se á filha:) Misericordia!

**PANNO** 

\* -. ` •

## Ironia

## PECA EM 1 ACTO

Representada, pela primeira vez, por iniciativa do "Centro Artístico", no theatro de S. Pedro de Alcantara, a 4 de Novembro de 1898

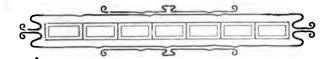
## **PERSONAGENS**

Commendador	Sa	ılgu	611	.0	•	Snr. Adhemar Barbosa Romeu
() emprezario						» Henrique Hollanda
Alfredo, poeta						» Estevão Ferrão
Julieta, actriz						D. Antonietta de Saldanha da Gama
Luciana, mãe	de	Jul	iet	a.		D. Emilia Barros Barreto
Clara, creada.						D. Esmeralda Brandão
Um actor						
Vozes						

ACTUALIDADE

Á Ex.ma Snr."

D. Antonietta de Saldanha da Gama



Interior de um camarim elegantemente ornado. Porta ao fundo, com reposteiro. A' esquerda, segundo plano, um toucador. No angulo um alto espelho. Biombo á direita. Larga ottomana sobre amplo tapete. Poltronas, tamboretes, cantoneiras, peanhas. Flores em profusão. A' esquerda, primeiro plano, um postigo.

## SCENA I

## CLARA, depois JULIETA

Clara arranja o toucador. Leva para o biombo as roupas que encontra em desordem pelos moveis. Chegam, de quando em quando, rumores de applausos, gargalhadas. Batem á porta. Clara não contem um gesto de contrariedade. Depois de se haver mirado ao espelho, com faceirice, entreabre a porta recebendo de alguem um ramo de rosas.

## Clara, falando a alguem:

Bôa noite! Não senhor... Sim senhor. (Sorrindo:) Eu? Qual! Sim senhor. Até logo! (Descendo:) Já não sei onde hei de accommodar tantas flores—são ramos sobre ramos. O tal velho então!... Já se não contenta em trazel-as, manda as floristas. (Com malicia:) Esses homens de edade quando dão para isto! (Batem, de novo, à porta:) Temos outro!... (Corre o reposteiro. Muito amavel:) Bôa noite. (Depois d'uma pausa:) Creio que não vae bem. Que quer o senhor? (Palmas fóra:) Olhe, acabou o acto. Se quer esperar um instante... Sim senhor.

Grande movimento na caixa: vozes, arrastamento de bastidores, correrias, martelladas. Palmas freneticas, brados. Clara arranja azafamadamente o camarim.

## 1.ª voz, fóra:

Olhem essas bambolinas!

#### 2.ª voz

O' Amaro, manda o cabelleireiro cá em cima.

#### 3.ª voz

O' Silva! Silva! (Perdendo-se:) O' Silva! (Passam comparsas cantarolando:)

## O emprezario, fóra:

De vagar. Mais devagar! Olhem esse panno! Cuidado com esse panno. (Irritado:) O' rapaz,

onde tens tu a cabeça? (Forte:) Presta attenção ao que estás fazendo...

Julieta entra estabanadamente. Clara adeanta-se tomando-lhe das mãos dois grandes ramos.

Julieta, compondo-se ao espelho:

Veiu alguem?

Clara

Aquelle velho calvo.

Julieta

Quem mais?

Clara

Aquelle moço moreno que parece estrangeiro.

Julieta

Estrangeiro?!

Clara

Aquelle das luvas amarellas.

Julieta, sorrindo:

Ah! Não é estrangeiro.

#### Clara

Não sei: elle fala uma lingua tão arrevezada... O sutaque não é de estrangeiro, mas as palavras...

## O emprezario, fóra:

Não é esta sala... Não é esta...

Julieta

E de casa?

Clara

De sua casa, ninguem.

Julieta

Que horas são?

Clara

Nove e meia. Mas não se afflija. As boas noticias andam sempre devagar, mas a Desgraça tem azas. Se houvesse acontecido alguma coisa já lhe teriam mandado dizer.

#### Julieta

Não imaginas como elle ficou! Quando sahi ardía em febre, agitava a cabecinha, afflicto, gemendo. Ah! Clara, os gemidos de uma creança de um filho...

Clara

E o medico?

Julieta

Ora, o medico... Lá o deixei, tem feito tudo.

Clara

Então? Descance... (Batem á porta.)

Julieta adeanta-se anciosa, com o reposteiro e estaca, com um sorriso contrafeito:

Ah!

Alfredo, á porta:

Permitte?

Julieta

Pois não.

Clara, áparte:

E' o tal das luvas amarellas.

## SCENA II

#### AS MESMAS E ALFREDO

Alfredo muito gamenho, com um ramo de rosas. Deixando na ottomana o sobretudo e a bengala.

Bom dia! (Movimento de Julieta. Com preciosismo:) Deante do sol não seria natural que eu dissesse: Bôa noite. (Julieta vae tomar as rosas; fugindo com a mão:) Não! nunca! Trago-as para fazer com ellas uma alcatifa. Não são dignas das suas mãos... nem mesmo dos seus pés. Pudesse eu chegar ao jardim de Viviana... de lá sim! Traria flores compativeis com a rainha da Graça, mas estas... Permitta que as desfolhe...

#### Julieta

Não; dê-m'as.

#### Alfredo

Como uma santa quer agasalhar a pobreza. (Outro tom:) Soberbo isto aqui! aspira-se um halito vernal. Mas não é das flores este effluvio—ellas vivem aqui como as estrellas á luz do sol.

#### Julieta

O senhor ouviu o primeiro acto?

#### Alfredo

Cultualmente, religiosamente. E' uma joia, a comedia... Vou escrever um folhetim. E como a senhora diz aquella phrase: (Com emphase:) "O amor é uma dynamisação etherea d'almas,...

## Julieta, sorprehendida:

Eu?! (Clara sahe).

#### Alfredo

Pois não é isto?

#### Julieta

Não, eu não digo tal coisa. Em que scena?

## Alfredo

Quando atravessa o horto, sob o fluido luar, n'um mysticismo vago, o olhar em extase, como uma virgem preraphaelita...

#### Julieta

Horto? Que horto?

#### **Alfredo**

Horto ou jardim, ou tempe; ha outros synonimos. Horto é mais expressivo. O horto de Ge-

thsemani, por exemplo, é mais esthetico do que o Jardim das oliveiras.

Clara entra. Julieta adeanta-se preoccupada.

Julieta

Que é?

Clara

Nada.

## Alfredo, de repente:

Ah! espere... A phrase é dos Ancenubios. do Arronches. Tem razão: é dos Ancenubios. (Outro tom:) Mas é bella e profunda, não acha? Tem nervos. (Repetindo:) "O amor é uma dynamisação etherea d'almas,... (Batem á porta).

Julieta, á Clara:

Vê quem é.

Clara, á porta:

E' o senhor commendador Salgado.

O commendador, fóra:

Salgueiro, filha; Salgueiro.

Julieta

Entre, commendador.

## SCENA III

#### OS MESMOS E O COMMENDADOR

O commendador, com um repolhudo ramo de violetas, hesitante:

Se não incommódo, entende? se não incommódo. Não quero ser importuno, entende? importuno. Muito bôa noite. (Faz um comprimento ceremonioso a Alfredo:) Já aqui estive para saber do menino, entende? para saber do menino. Falei á Clarinha. Venho agora trazer-lhe estas violetas, entende? estas violetas, e as minhas felicitações sinceras pelo triumpho. (Outro tom, com interesse:) Mas como vae elle?

Julieta

Mal.

Alfredo

Mal?!

Julieta

Muito mal.

O commendador

Mas que é?

Julieta

Não sei. Está, ha tres dias, com uma febre intentissima...

#### O commendador

Que edade tem?

Julieta

Anno e meio.

#### O commendador

Ah! então, entende?... As creanças, minha senhora, resistem muito mais ás febres do que os adultos, entende? do que os adultos. Uma creança, com 40° de febre, entende? com 40°...

#### **Alfredo**

Está de perfeita saude.

#### O commendador .

Como? Perdão, eu sei o que digo, meu caro senhor, entende?

#### Alfredo

Perfeitamente.

#### O commendador

Tenho um filho medico e dois netos, entende? As creanças resistem muito mais ás febres. Eu. com 35°, entende? com 35° estou variando.

## Alfredo, á parte:

Mesmo sem isso.

## O commendador, á Juliela:

Não se amofine, tenha calma.

## Julieta

Eu só receio a meningite. (Esfregando as mãos:) Não estão sentindo frio?

#### O commendador

A seu lado, entende? a seu lado não ha frio possivel. Eu mesmo, sob estas neves, entende? sob estas neves, sinto-me como em plena primavera. Lá fóra, sim, entende? Lá fóra, sim; está um arsinho picante, de chuva.

## Julieta, sobresaltada:

Está chovendo?!

#### Alfredo

Uma garôasinha...

#### O commendador

Perdão, entende? Chovia a cantaros quando chegei ao theatro.

# O'commendador, lendo o cartão de Alfredo:

Alfredo... V... Vlysses...

#### Alfredo

Ulysses, commendador.

## O commendador, sorprehendido:

Ulysses! como? com V?

## Alfredo, com importancia:

Assim escreviam os classicos.

#### O commendador

Os classicos? E, entende? como escreve o senhor... urubú? entende? urubú, por exemplo?

#### Alfredo

Vrvbv...

## O commendador, pasmado:

E' assombroso, entende? é assombroso! Isso assim será... (Com difficuldade:) vrrrrbviii, mas urubú... tenha paciencia, entende? tenha santa paciencia.

#### Alfredo

E' uma lei esthética, commendador.

## O commendador

Pois, meu amigo, é assombroso, entende? é assombroso! e é a primeira vez que ouço tal coisa e não sou môço, entende? não sou môço.

#### Julieta, á Clara:

Se o Amancio pudesse ir de tilbury até a minha casa...

#### Clara

Quer que o chame?

#### Julieta

Vê se elle está por ahi. (Clara sahe.) Meu pobre filho! (Levantando-se:) Que supplicio, ter de representar uma comedia com o espirito sobresaltado, com a attenção voltada para um feito de morte, estremecendo ao menor ruido porque espero, a todo o instante, ver surgir alguem annunciando-me o doloroso desfecho. Nem sei que faço! Notaram, com certeza, que fiquei um instante distrahida em scena?

#### O commendador

Não senhora, entende?

#### Alfredo

Absolutamente não.

#### Julieta

Pareceu-me ter ouvido a voz de meu filho, chamando-me.

#### Alfredo

E' natural... A senhora está preoccupada, nervosa...

#### Julieta

E' um horror!

#### O commendador

Pois a senhora esteve adoravel, entende? adoravel! não se ouviu as minhas palmas?

#### Julieta

O senhor está de camarote?...

# O commendador, lisongeado; sorrindo:

Viu? entende... viu? Sim, terceiro camarote, á direita, entende? á direita...

#### Julieta

Com um moço louro?

## O commendador, radiante:

Exactamente! E' meu genro, entende? é meu genro, engenheiro...

Julieta, depois de consultar o relogio:

Algum dos senhores conhece o Dr. Simas?

## O emprezario, fóra:

Vamos com isto!

## Alfredo, passeiando:

Simas... Não é um que foi presidente do Sport Club?

#### Julieta

Não sei.

#### O commendador

Simas, Lopes Simas, um de cavaignac. Tem escriptorio á rua do Carmo, por cima de um sapateiro. Conheço muito. E' uma notabilidade, entende? é uma notabilidade. E' um poço de sciencia, mas não tem sorte, entende? não tem sorte. Sabe muito, mas doente que lhe cahe nas mãos está perdido.

#### Julieta

Como?

#### O commendador '

Muita sciencia, entende? Vive a experimentar: começa em casa, nos animaes, e continúa em todos os clientes. Mas é uma illustração! Sobre cada um dos casos perdidos tem elle uma memoria, entende? uma memoria...

#### Alfredo

E quantas tem?

#### O commendador

Homem... Já deve ter uma bibliotheca, entende? uma bibliotheca. (Outro tom:) Tive um sobrinho no qual elle fez importantissimas experiencias com a anti-pyrina. O pequeno morreu mas o Simas escreveu uma monographia que foi elogiada por todas as summidades européas. E' um portento, entende? é uma gloria de medicina, mas eu não o quero mais em casa.

Julieta, indecisa:

E então?

Alfredo

Historias!

#### O commendador

Como historias? o senhor quer dizer a mim que já perdi dois sobrinhos e um neto com as taes experiencias? entende... com as experiencias... (A' Julieta:) Quer a senhora um conselho? chame o Louzada Barroso, entende? Não sabe tanto como o Simas, creio mesmo que não sabe nada, mas tem sorte. Já vi o Barroso, entende? Já vi o Barroso combater um caso grave de febre amarella com um escalda pés e um chá de losna. Para molestias graves não ha como elle, entende? não ha como elle.

#### Julieta

E onde móra?

#### O commendador

Não sei, entende? não sei, mas posso indagar, entende? posso indagar.

## O emprezario, á porta :

Julieta, vou dar o signal.

#### Julieta

Estou prompta. (Sineta. Orchestra ao longe.)

#### Alfredo

Se permitte, volto no primeiro intervallo...?

#### Julieta

Pois não.

#### Alfredo

Então até já. Até já, commendador. (Sahe.)

## SCENA IV

## JULIETA, O COMMENDADOR; depois CLARA

## O commendador

Se incommódo, entende? se incommódo... com franqueza...

#### Julieta

Oh! commendador...

#### O commendador

Ainda que mal pergunte, porque, emfim, entende? não é da minha conta... mas que faz este moço?

#### Julieta

E' poeta.

#### O commendador

S6?

#### Julieta

Tem um livro: "Lyrios nevados,"; não conhece? (O commendador faz um momo.)

## Clara, entrando:

Não achei o Amancio. Mandei o Edmundo.

#### Julieta

Fizeste bem. Ainda chove? (Vae ao postigo.)

## O comendador, sollicito:

Não se exponha, entende? não se exponha. (Levantando a gola do casaco:) Eu vejo. Não se exponha. (Abre o postigo:) Está estiando, creio que vae cessar.

## O emprezario, fóra:

Julieta, estás prompta?

\*

## Julieta

Estou. (Ao commendador:) O senhor fica?

#### O commendador

Não, senhora: vou para o camaróte, entende? vou para o camaróte. Estou com o meu genro... Disse-lhe que vinha aqui um instante trazer as minhas felicitações á grande artista, á nossa Ristori, entende? á nossa Ristori... (Outro tom; confidencial:) Vou mandar buscar um carro, entende? um coupé. A senhora não pode affrontar este tempo... é imprudencia, entende? é imprudencia...

#### Julieta

Não se incommóde, commendador. (Cala-se a orchestra.)

#### · O commendador

Não é incommodo, entende? não é incommodo... Então até já... até já...

#### Julieta

Até já. (O commendador, muito maneiroso, vae sahindo. Atirando-se ao divan com um suspiro:) Ai! (Depois d'uma pausa; á Clara:) Vae ver quem está em scena. (Clara sahe) Ai! (De cabeça baixa, os olhos fitos no soalho, fica algum tempo immovel; por fim, levantando-se, abre o postigo e contempla a noite, meneando com a cabeça desanimadamente. Apanha um

lenço no toucador, enxuga os olhos e, tomando um pequenino retrato encaixilhado fica a contemplal-o amorosamente; beija-o e, com cuidado, repõe-no no lugar. Arranja os cabellos e caminha ao longo do camarim abatida.) Tanto que eu pedi á mamãe que me mandasse dizer alguma coisa! (Ouvindo os passos de Clara volta-se repentinamente.)

## Clara, entrando:

Está em scena o senhor Castro. (Gargalhada fóra).

#### Julieta

Se vier alguem manda esperar.

Clara

Sim, senhora.

O emprezario

Julieta!

Julieta

Prompta! (Mira-se rapidamente ao espelho e sahe)

## SCENA V

## CLARA, depois um ACTOR

Clara, arranjando o toucador:

Coitada! Nem sei como ella pode ter calma para representar. Eu! Deus me livre! Se fosse commigo, não vè! Mas que ha de ella fazer? uma primeira, casa cheia e esse monstro do Zepherino... Nunca vi homem assim... é uma pedra. Não se commove, ri de tudo. Com o Marques, o pobre homem mal podia andar com a erysipela e teve de representar, sahindo, quasi em braços, da scena. Commigo é que elle não grita, isso não. Para mim tanto me faz estar aqui, como ali. Escrava! estão enganados. (Lendo um cartão que encontra sobre o toucador.) José Viçoso da Silva... (Procurando lembrar-se:) Viçoso da Silva... Ah! é o tal que não larga o charuto.

O actor, fóra:

O' Clarinha!

Clara, voltando-se:

Hein!

O actor

Ha por ahi alguma coisa que se beba?

Clara

Hoje não.

O actor

Então até logo.

Clara

Como vae correndo a peça?

O actor

Ora, está garantida. (Affasta-se cantarolando.)

Clara

Vou ver um bocado. (Sahe correndo.)

## SCENA VI

## LUCIANA, depois CLARA

Depois de um curto intervallo Luciana afasta lentamente o reposteiro e espía. Pobremente vestida, embiocada num chale, lança os olhos pelo camarim, murmurando, num suspiro:

Não está!

Entra, encosta o guarda-chava a um canto, sacode as roupas, retira o chale da cabeça descobrindo os cabellos brancos desalinhados e fica immovel; ao menor ruido volta assustadamente a cabeça. Senta-se, por fim, achegando o vestido ao corpo, com muita cautela, para não manchar o movel, e fica cabisbaixa torcendo as franjas do chale. A um rumor de passos levanta-se com os olhos cravados na porta. Clara entra.

#### Clara, sobresaltada:

A senhora! Houve alguma coisa? (Luciana encolhe os hombros:) Morreu!?

#### Luciana

Ah! minha filha, está numa agonia que faz pena... Só diz—mamãe. Tem-se feito tudo. Mandei chamar outro medico... mas qual! Quando ella sahiu elle ainda conhecia as pessõas de casa, mas agora, coitadinho! só diz—mamãe. Eu não queria vir, mas não tenho coração para certas cousas. A pobre creança parece que soffre mais com a ausencia da mãe do que com a molestia. Não geme, nada pede, só quer Julieta. A senhora comprehende—é meu neto, criei-o desde pequenino. Não posso fazer mais por elle, queria, ao menos, satisfazer a sua ultima vontade, levando-lhe a mãe, que elle tanto chama. (Soluça baixinho.)

#### Clara, commovida:

Ella está em scena.

Luciana

E ainda falta muito?

Clara

Este acto e outro.

## Luciana, desanimada:

Então ella não chega a tempo e o pobresinho morre sem vel-a. Parece que a creança não achará descanço na outra vida, partindo assim, sem a benção. E' como uma creatura que dorme com uma grande sede e que, ainda dormindo, padece, não é verdade? Elle não diz outra cousa senão — mamãe. E' o seu gemido. Pede a mãe como a gente grande pede Nosso Pae. Quem sabe até se a presença d'ella o não salvará? Eu quiz vir; podia ter mandado outra pessoa, mas quiz vir, eu mesma, para falar ao senhor director, dizer-lhe tudo. Uma pessoa que soffre sabe pedir, não é verdade? (Gargalhadas dentro. Levanta-se vivamente, espantada, e torna a sentar-se.) A senhora não imagina como vae ficar triste aquella

casa, sem elle. E minha filha? Não sei, ha de ser o que Deus quizer. (Gargalhadas estrepitosas. Com ancia:) Está acabando?

#### Clara

Ainda não. (A'parte:) Ah! meu Deus... Louca como ella é pelo filho... Que vae ser d'ella...

## O emprezario, á porta:

O' Clarinha!

#### Clara

Senhor... (A' porta, depois d'uma pausa, commovida:) E' sim, senhor.

## SCENA VII

## AS MESMAS E O EMPREZARIO

O emprezario entra impetuosamente e vae direito á Luciana, carrancudo e secco:

Então? houve alguma coisa?

Luciana, de pé, timidamente:

A creança, meu senhor...

#### O emprezario

## Morreu? (Gargalhadas fóra; rumor.)

#### Luciana

Não, senhor... Mas está que faz pena: uma agonia horrorosa. Só quer a mãe...

## O emprezario

Sim.

#### Luciana

Eu... não era para vir, mas o senhor comprehende... num caso como este a gente não tem coração para ver um innocentinho soffrer...

## O emprezario

Sim...

#### Luciana

E então... eu vim ver se o senhor permittia que Julieta sahisse...

## O emprezario

Agora?!

#### Luclana

Antes da morte. Elle está... nem sei mesmo...

#### O emprezario

Mas, então, a senhora quer que eu vá chamar sua filha...? E a peça?

#### Clara

No fim do acto...

O emprezario, batendo com o pé:

Tchê!

## Luciana, timida:

É para a creança não morrer com saudade...

## O emprezario

Qual saudade! A senhora não vê que é um absurdo?

## Luciana, ingenuamente:

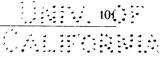
Absurdo, meu senhor! um filho!

## O emprezario

Pois não vê que ella está trabalhando?

## Luciana

Mas um instantinho...



## O emprezario

E o publico ha de ficar aqui á espera... Ora, pelo amor de Deus! (Outro tom:) E que lucra a creança com isso? Se ella ainda lhe pudesse dar vida, muito bem... mas que vae lá fazer? digame! Que vae lá fazer?

#### Luciana'

Ah! meu senhor, uma mãe tem sempre que fazer junto do filho.

Gargalhadas e palmas fóra.

## O emprezario

Porque não foi chamar o medico? Se, em vez de cá vir, a senhora houvesse procurado um medico teria andado com mais acerto...

#### Luciana

Mas ella é mãe e o pequeno chama por ella. Eu bem sei que a coitada não o póde salvar, mas...

## O emprezario

Não ha mas. Quer, talvez, a senhora que eu suspenda o espectaculo? E que hei de dizer ao publico, que pagou? Se ainda não houvesse co-

meçado, mas agora, com a peça em meio... (Com um riso sarcastico:) Não faltava mais nada! Tenha paciencia. Eu tambem tenho filhos e estou aqui...

#### Luciana

E que hei de eu dizer depois, meu senhor?

O emprezario, frenetico, indo e vindo:

O publico tem o direito de exigir.

#### Luciana

Mas se o senhor explicar...

## O emprezario

Eu nada tenho a explicar. A explicação é o espectaculo, entende? Tenha paciencia. (Palmas fóra:) Veja um medico.

Clara, á porta, sobresaltada:

Ahi vem D. Julieta.

## O emprezario

Ainda mais esta! (Levando Luciana para o biombo:) Olhe, fique aqui; não lhe appareça, nem

uma palavra. (Com brandura:) A senhora comprehende que não é possivel. Fique aqui.

# Clara, á parte:

Pobre senhora!

Luciana, reluctando:

Mas deixe-me, ao menos, sahir. Preciso sahir... (Continuam as gargalhadas fóra.)

## O emprezario

Agora, não, ella vem ahi. A senhora comprehende—a carreira de uma peça depende da primeira noite. Tenha paciencia. Ella terá uma grande emoção (é mãe, coitada!) e não poderá representar desembaraçadamente, como convem á peça, que é viva. Tenha paciencia, ella demora-se pouco; a senhora sahirá depois, irá de tilbury. (Procura alguma coisa nos bolsos.)

# SCENA VIII

## OS MESMOS e JULIETA

Julieta, entrando, fatigada:

Ah! (Surprehendida ao dar com o emprezario:) O senhor aqui!?

## O emprezario

Vim procurar a comedia do Souza... Estava com ella, não sei onde a deixei. (*Procura*).

Julieta, á Clara:

Veiu alguem?

Clara

Não senhora.

Julieta

Ninguem!?

Clara, lançando um olhar rapido ao biombo:

Ninguem.

Julieta, abrindo o postigo:

E ainda chove! E que noite fria! Coitadinho! (á Clara:) Edmundo foi?

Clara

Foi sim, senhora.

Julieta

Dá-me um lenço.

# O emprezario

Não sei onde a deixei. (A' Julieta:) Não te distraias, vê lá.

#### Julieta

Tenho tempo. (Outro tom:) Então?

## O emprezario

Muito bem. Até o Pereira, que estava tão crú, vai indo: (Desvanecido:) Mas tu e o Castro... toda a scena do jardim...

#### Julieta

Parece que tem agradado.

## O emprezario

A comedia é excellente. Eu não dizia?

# Uma voz, á porta:

Dona Julieta! (Luciana soluça; movimento de Julieta.)

O emprezario, atordoando-a:

Vamos! Olha a tua entrada...

Julieta vae caminhando para o fundo, como desconfiada; ouvindo, porém, os soluços de Luciana, corre desvairada para o biombo, e, dando com a mãe, leva as mãos ambas á cabeça exclamando, n'um grito angustiosissimo:

Meu filho!

## Uma voz, á porta.

Dona Julieta! Dona Julieta!

Julieta, abraçada com Luciana:

Ah! mamãe ... meu filho!

O emprezario, procurando separal-as:

Tem paciencia... A scena está interrompida. Deixa-te d'isto. Então?

#### Clara

Vá, D. Julieta.

Julieta, voltando-se:

E tu, Clara... (Clara baixa os olhos). Eu sabia! (Como a mostrar o céo, atravez do postigo:) Com esta noite!

# Vozes, fóra:

Dona Julieta! Dona Julieta! (Balburdia).

# O emprezario, afflicto:

Tem paciencia... (Leva-a até á porta. De braços cruzados, deante de Luciana que chora:) Era o que a senhora queria...

#### Luciana

Não tenho culpa... não me pude conter. Ella é mãe, meu senhor...

Murmurio fóra.

## O emprezario, voltando-se:

Que é? (Encaminha-se para a porta e estaca vendo entrar Julieta, soluçando, seguida de actores e comparsas. Furioso:) Que é isto?

Julieta, prostrando-se na ottomana em grande desespero:

Meu filho! Meu filhinho!

# O emprezario, furioso:

Mas nós estamos aqui para trabalhar ou... (Atirando patadas:) Isto é uma empreza, é uma casa de negocio. Paga! Quem quer fazer ternuras não se emprega. Bôa léria, pois não! Eu tambem tenho os meus desgostos e cá estou. Muito bonito, pois não. (Falando para fóra:) Mande baixar o panno!

## SCENA IX

## OS MESMOS, o COMMENDADOR e ALFREDO

O commendador e Alfredo entram precipitadamente com curiosidade e interesse.

#### Alfredo

Que é? Que é? Houve alguma coisa?

#### O commendador

Que foi? Fiquei surprehendido, entende? fiquei surprehendido... Pensei, a principio, que era da peça, mas quando vi baixar o panno, entende? E' o pequeno?...

# O emprezario, irado:

Historias! Quem é que traz noticia de morte a um theatro! (A' Clara:) E a senhora? que fazia aqui?

## Clara, humilde:

Que havia eu de fazer?

# O emprezario

Que havia de fazer? Que havia de fazer...!

Julieta, n'am impeto, chorando:

Mas é meu filho, senhor Zepherino.

O emprezario, fóra de si:

E que tenho eu com isto?!

## Alfredo

Oh!

Actores e comparsas formam grupo á porta.

## O emprezario

Oh! Oh! quê? Não se metta onde não é chamado.

## O commendador

A emoção é natural, entende? é natural...  $(Rumor\ f\'ora)$ .

# O emprezario

Natural... natural é isso, sabe o senhor? Agora vá lá dizer ao publico que o espectaculo não póde continuar porque morreu uma creança. Nem que fosse um principe!

# Julieta, assomada:

Ah! senhor Zepherino... não seja cruel!

#### Alfredo

Mas o senhor podia suspender o espectaculo...

## O emprezario

Ora, meu amigo... Suspender o espectaculo... é muito bom de dizer, mas o senhor não me paga os prejuizos, nem o senhor, nem ninguem. (Outro tom:) Eu não quero saber do que se passa em casa dos meus contractados — aqui, quero trabalho, por isso pago. E não faço excepções. Vem outro ámanhã dizendo que perdeu um sobrinho e eu que sustente a companhia com lagrimas. Eu sei... (Furioso:) Aqui não me entra mais ninguem. Aquelle idiota do Anthero é que é o culpado... mas espera! (Sahe bradando:) A' seu Anthero! Seu Anthero! (A voz perde-se ao longe).

## Luciana, ao commendador:

Que culpa tenho eu? a creança só a chamar por ella... Que faria o senhor? Então não ha caridade para uma pobre mãe? Onde se viu uma coisa assim?

#### Alfredo

É um bruto!

## O commendador, muito nervoso:

Mas eu não sei, entende? Se estivesse em minhas mãos, entende? mas o povo, entende? o povo é o diabo. Que se ha de dizer ao povo? (O rumor cresce).

## O emprezario, entrando:

Ahi têm... O povo já começa a manifestarse. (A' Julieta, abrandando-se:) Bem vês que não sou quem exige...

Julieta, de pé, arrancadamente:

O senhor tem razão.

# O emprezario

Mas não acham que é justo? (A' Julieta:) A tua dôr é muito respeitavel, mas que se ha de fazer, minha filha? o mundo é assim. (Blandicioso:) Eu mandei o Lisbôa dizer algumas palavras ao publico, uma explicação: que tiveste uma ligeira perturbação... (Bufando:) Ah! isto de lidar com o povo!

#### O commendador

E' um horror!

#### Julieta

Estou prompta.

#### Luciana

Vae, minha filha... Ha de ser o que Deus quizer.

## Julieta, ao emprezario:

Ás suas ordens... (A' Luciana:) Vá, mamãe; a senhora faz muita falta em casa. (Ao commendador:) O senhor não mandou vir um carro?

#### O commendador

Sim, senhora: um coupé, entende? um coupé, por causa da noite.

#### Julieta

Vá, mamãe. (Ao emprezario:) Podemos ir. (Já á porta, á Luciana:) Até logo... (Detem-se um momento enxugando os olhos e segue, d'ar-remettida).

#### Luciana

Minha pobre filha!

Ouve-se o rumor do panno que sobe. Salva de palmas.

#### O commendador

E' horrivel, entende? uma pobre mãe... (A' Luciana:) O carro está ás suas ordens, entende? ás suas ordens...

## Luciana, humildemente:

Sim, senhor, meu senhor.

#### O commendador

E estou á porta... (A' Clara:) Até ámanhã.

## Alfredo

Com licença... Adeus, Clarinha. (Sahindo com o commendador:) Ah! a vida do artista, commendador.

Luciana põe-se a apanhar os ramos e as flores avulsas que encontra; dando, porém, com o olhar fixo de Clara, detem-se vexada:

Não são d'ella?

#### Clara

Sim, senhora. Quer levar?

#### Luciana

Então, minha filha? (Gargalhadas fõra). Esteu com o coração muito apertado—elle já es-

tava arquejando quando eu sahi. Não o vejo mais com vida... assim. (Apanha as flores que restam e, abarcando-as, diz tristemente:) Então, adeus!

Toma o guarda chuva e encaminha-se para a porta, detem-se um instante meneando com a cabeça desanimadamente. Sahe. Clara vae ao toucador, fica parada, d'olhos baixos. Gargalhadas estrepitosas. Clara estremece, lança em torno um olhar estremunhado e, á explosão de novas gargalhadas cahe, abatida, na ottomana, soluçando nervosamente.

**PANNO RAPIDO** 

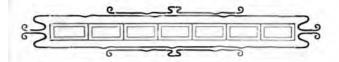
# A mulher

COMEDIA EM 1 ACTO

## **PERSONAGENS**

Thereza Leonor Maria Laura

ACTUALIDADE



Salão nobre, elegantemente mobilado. Portas lateraes e ao fundo.

# SCENA I

## LEONOR e MARIA

Leonor, na poltrona, estrincando os dedos:

Que tédio!

Maria

A menina tem alguma coisa?

Leonor

Sim, Maria: tenho tédio.

Maria

Que é isso?

Leonor

Não sabes?

Maria

Não senhora.

És feliz. (Suspira profundamente:) Tédio, Maria, é um verme que nos vae, aos poucos, consumindo a alma como o caruncho destróe a arvore mais rija da floresta.

## Maria

E a menina tem isso?

Leonor

Se tenho!

#### Maria

E onde foi que apanhou semelhante coisa?

#### Leonor

Na selva dos desenganos. (Bocejando:)  $\mathbf{V}\hat{\mathbf{e}}_{\mathbf{S}}$  como bocejo?

## Maria

Ah! por isso não, que eu tambem, ás vezes, abro cada bocca que eu mesmo fico espantada. Nem sei como ainda conservo o queixo no lugar... E não tenho bichos, graças a Deus! nem na alma, nem no corpo. Porque não vae consultar um medico?

Os medicos nada podem fazer, Maria: as molestias d'alma são mysterios impenetraveis á mais arguta sciencia.

#### Maria

Faça, então, uma promessa. Agarre-se com a Senhora da Penha, que é muito milagrosa. A mulher do senhor Sabino, quando lhe cahiu a espinhella, fez uma promessa e foi agua fria na fervura. Agarre-se com a Senhora da Penha.

## Leonor

Qual Senhora da Penha!

## Maria, escandalisada:

Não fale assim, menina.:.

#### Leonor

Pobre Maria! ou antes: afortunada Maria! Como eu invejo a tua simplicidade. Crês... venturosa creatura! Quem me dera, a mim, um pouco da tua fé.

#### Maria

E a menina não crê, então?

Eu? (Depois d'uma pausa:) Creio na materia e nas forças vivas da natureza; creio na substancia e no fluido que a agita; creio nos elementos que se transformam; creio na cellula. (Com calor:) Creio na evidencia, Maria. Deus é o sol, Deus é a luz radiante. Deus é o calor, principio da vida. (Outro tom:) Ainda não viste uma locomotiva?

#### Maria

Como não? O meu primeiro noivo era foguista. Deixei-o á margem justamente por isso: parecia que estava sempre sobre brasas, só me falava no seu amor ardente. Um homem insupportavel, principalmente em tempo de calor.

Leonor, que não tem dado attenção ás palavras de Maria:

Pois a locomotiva é uma creatura como nós.

# Maria, espantada:

Como nós! a locomotiva?

#### Leonor

Sim. Que fazemos nós mais do que faz a locomotiva?

#### Maria

Nós! Ora essa... O' menina, nós falamos...

#### Leonor

A locomotiva tambem fala. A locomotiva respira e geme, súa e chora, tem alegrias e tristezas e morre, como nós morremos. Que é que lhe dá alento? o fogo interior, como a nós.

#### Maria

A menina acha, então, que nós temos fornalha, como a locomotiva.

#### Leonor

Sim, o coração. O coração é a fornalha humana, o cerebro é a caldeira onde se forma o vapor, que é a vontade, que se transforma em acções ou em ideas. Os trilhos são as convenções, os tuneis são as conveniencias. Se não procedemos de accordo com os preceitos convencionaes, dá-se o descarrilamento—desastre que, na vida moral, é irreparavel.

## Maria, sorrindo:

Mas, então, a menina acha que eu sou uma locomotiva?

Tu? tu, não... tú és um carro de bagagem.

## Maria, resentida:

Ah! sim... e a menina, com perdão da palavra, é o carro do correio, porque anda sempre ás voltas com jornaes e cartas. A senhora é um carro de primeira; a vovósinha, essa é que é a locomotiva porque é quem puxa tudo isto. (A' parte:) Não é á tôa que ella anda sempre a berrar...

## Leonor, tristemente:

Estás enganada, Maria... vovósinha não é locomotiva. A nossa vida, n'esta casa, é nervosamente arrastada por uma tartaruga.

#### Maria

Ah! menina... que peccado! Chamar tartaruga á avósinha...

#### Leonor

Isto é uma figura.

#### Maria

Pois sempre lhe digo que é uma figura muito feia.

Eu quizéra vencer as distancias com a celeridade da luz. Infelizmente sou forçada a ir devagar, passo a passo, vergada, humilhada, como um galé a caminho do presidio. (Levantando-se:) Ah! a mulher! a mulher! O homem absorve a vida—enche-a com o seu "eu, despotico deixando apenas á mulher o canto obscuro do lar onde ella vive, como uma aranha, a tecer a teia. (Revoltada:) E' iniquo!

#### Maria

Pois a menina acha que a mulher é uma aranha?

#### Leonor

Nem isso... A aranha é independente e devora o marido.

#### Maria

Cruzes! (Depois de uma pausa:) Olhe, menina, não se zangue commigo, mas quer-me parecer que lhe metteram coisas demais na cabeça. Eu, quando cômo muito, tenho pesadellos. A instrucção, assim ás porções, deve embuxar como os pratarrazes de couves. Tudo tem a sua medida—morre-se de fome como se morre de indigestão e vive-se com uma malga de sopa. Eu,

por exemplo, aprendi o meu bocado e, louvado Deus! sei o bastante para acompanhar o sacrificio da missa e para escrever aos meus, que lá estão na minha pequena aldeia. Para que mais?

#### Leonor

Para que mais?

#### Maria

Sim, para que mais?

#### Leonor

Pois não tens curiosidade de saber o que ha lá em cima, nos astros? e no fundo do mar, e no seio da terra? como germina a planta, como se forma a flor?

#### Maria

Eu, não. (Outro tom.) A felicidade está em desejar, menina: o desejo é como a sombra—sempre maior que a realidade. Quem tudo sabe é como quem chega ao fim da terra e vê o vasio—ou deita-se por elle abaixo ou volta atraz. Deixe-me Deus cá no meu cantinho com o que tenho visto e sabendo que ainda ha muito que ver por esse mundo. (Com ingenuidade:) A' minha aldeia, que fica á beira mar, chegam sempre navios, uns que ali vão a negocio, outros que ali se

refugiam batidos pelas tempestades. Não imagina o prazer da gente em ouvir as historias que os marujos contam emquanto o vento geme... e como a gente imagina essas terras de longe com muito sol, com muito ouro, com muita belleza. Não ouço mais os marujos, ouço agora os senhores que aqui vêm e conversam... a impressão que me causam é a mesma. Ouvindo-os fico a sonhar com o que elles dizem como, quando era pequenita, sonhava, no meu catre, com os contos dos marujos. E sonhar é, ás vezes, melhor do que ver.

#### Leonor

És feliz, Maria.

#### Maria

E sou, menina. (Leonor senta-se ao piano:) Vá, vá... distraia-se um pouco e, quando se sentir aborrecida do piano, venha ver as suas flores.

# SCENA II

# AS MESMAS e THEREZA

# Thereza, entrando:

Maria, vae ver se consegues chamar a caturrita que lá foi para a mangueira.

#### Maria

Sim, minha senhora.

#### Thereza

E recolhe as avencas do terraço que o sol está muito forte.

#### Maria

Sim, minha senhora. (Sahe).

# SCENA III

# LEONOR e THEREZA

Leonor, ao piano:

Vieram os meus livros?

## Thereza

Não. Vieram uns cocos para doces e a talagarça. (Leonor encolhe os hombros e corre o teclado aborrecidamente). Não te agradam taes futilidades, bem sei; mas que queres? Se eu te servisse Kant ou Spinoza á sobremeza talvez applaudisses a minha idéa subtil, mas os nossos

amigos, menos transcendentes, preferem dôce de coco e no mundo é necessario attendermos a todos os paladares. Que estás ahi a martellar?

#### Leonor

Uma fuga de Bach.

#### Thereza

Fugas... Deixa-te de fugas. Nem sei que parece uma menina sempre a pensar fugas. Até é feio.

#### Leonor

Feio; porque, vovó?

#### Thereza

É feio; dá idéa não sei de que. Toca um *no-cturno* de Chopin, qualquer coisa de Mendelsohnn.

#### Leonor

Velharias...

#### Thereza

Velharias que agradam... Demais creio que Bach é muito mais velho do que os meus favoritos...

Para vovó o ideal é a mediocridade. Fóra do trivialismo... não ha salvação.

#### Thereza

Foi justamente por pensar assim que te mandei instruir com tanta exigencia. (Outro tom:) A mediocridade é preferivel á pedanteria. Não me parece bem que estejas sempre a bufar sciencia. Sabes? pois guarda o que sabes para quando fôr opportuno exhibires. Que dirias tu de uma senhora que, por haver herdado uns contos de reis andasse constantemente com a carteira aberta mostrando o seu dinheiro e os seus titulos? Isso é ridiculo, minha filha.

#### Leonor

Só a ignorancia é ridicula.

#### Thereza

Não, a ignorancia não é ridicula porque é uma pobreza—será triste, se quizeres. Ninguem ri do pobre porque estende a mão á esmola, mas o rico que ostenta vaidosamente as posses, esse provoca o riso e com razão. Andas aqui a discutir com todos, até com o pobre Manoel, que só entende

de flores. Guarda o que sabes e não te exponhas á satyra dos simples, que é perigosa. Eu tambem aprendi, não tanto como tu porque, no meu tempo, os paes cuidavam, com mais interesse, do coração do que do cerebro das filhas.

#### Leonor

É justamente por isso que a mulher continúa escravisada ao homem.

#### Thereza

Achas que eu sou escrava?

Leonor

Hoje não.

Thereza, sorrindo:

Que fui?

Leonor, amuada:

Não sei.

#### Thereza

Sê franca... (Depois de uma pausa:) Meu marido era um perfeito varão—recto de caracter e tido, entre os seus pares, como o maior sabio de todos. Alem das qualidades que o engrandeciam impondo-o ao respeito geral avantajava-se muito a mim, em edade: quando me pediu era ministro e eu... brincava com bonecas. Havia

entre nós o intervallo de uma mocidade—eu tinha dezoito annos e elle trinta e cinco. As mais altas capacidades do seu tempo, que foi de esplendor, affluiam á nossa casa para ouvil-o. Tres vezes ministro, senador, chefe politico, jurisconsulto notavel, jornalista vigoroso, esse homem, cuja palavra era ouvida como um oraculo, mais d'uma vez desceu até a sua pequenina mulher "como um cedro inclinando-se para sentir o perfume de uma violeta... como dizia teu pae, que era poeta aos domingos e nos dias feriados, se não lhe doía o figado. Que sabia eu de leis? Que sabia eu de philosophias? o que impõe a justica e o que ordena a moral. Que grandes livros possuia eu? pobre de mim! o meu consultor era o Bom senso, o meu codigo era a virtude. E vivi vinte e cinco annos á sombra do grande homem sem que elle tivesse jamais occasião de corrigir a minha ignorancia ou de conter o meu estouvamento e. quando o perdi, continuei a viver na sociedade respeitada e querida. De livros sei apenas o bastante para não ser mystificada pelos que os frequentam com assiduidade. Filha, ha duas ordens de sabedorias—a do cerebro, que se adquire no estudo e a do coração, que se ganha na experiencia: esta é a sabedoria da mulher.

#### Leonor

Se vovó tinha taes idéas porque me mandou para o collegio de Miss Rouling?

#### Thereza

Para que aprendesses a ver nas trevas do mundo fugindo aos perigos que o enchem. O saber é uma lampada que só deve ser utilisada em momentos proprios: ou para guiar como luz, ou para brilhar, como gloria. Se visses um homem, ao pino do sol, com uma lanterna accesa pelas ruas ririas, com certeza, tomando-o por maniaco, não é? (Depois de uma pausa:) Pois apaga a tua candeia, não lhe gastes o azeite nem lhe queimes a torcida sem necessidade. Vamos tratar de coisas serias.

#### Leonor

Vou ver as minhas flores.

#### Thereza

Isso! Ahi tens uma idéa: vae ver as tuas flores. (Leonor entra á esquerda amuada).

# SCENA IV

# THEREZA e LAURA

Thereza, arranjando as musicas na estante:

Pobre Leonor! não sabe que ha de fazer do que tem—anda a atirar o saber á rebatinha como fazem os rapazes ao dinheiro quando lhes sobra.

## Laura, entrando:

Foi mamãe que mandou Leonor para o jardim, com este sol?

#### Thereza

Eu, não. Bem sabes que Leonor é uma emancipada, não se submette a pessoa alguma... como me atreveria eu a dar-lhe ordens? Ella que está no jardim é porque tem lá que fazer. Anda, sem duvida, a acompanhar estudiosamente a evolução de alguma chrysalida. Não é assim que a queres? sábia, tresandando a erudição, explicando coisas complicadas com muitas raizes gregas e não poucas batatas latinas?

#### Laura

Mamãe leva tudo a rir.

#### Thereza

Adoptei o systhema de Democrito. (Ri).

#### Laura

É que ella póde apanhar uma febre.

#### Thereza

Ora, qual!

#### Laura

Doente como anda...

#### Thereza

Doente? achas que ella anda doente?

#### Laura

Então...?

#### Thereza

Ella anda mas é insupportavel, isto sim. (Outro tom:) Lembras-te do D. Quixote? pois tua filha está soffrendo do mal que deu com o fidalgo em maluco. Ha um meio de evitarmos que ella saia por ahi desfazendo aggravos scientificos, é o mesmo de que se serviram a sobrinha do heroe, mais o cura e o barbeiro de Toboso—queimemos a livralhada. (Outro tom:) Francamente, Laura, Leonor está-se tornando ridicula. Não viste hoje ao almoco a historia da gallinha? Que a gallinha era o sujeito da oração... Ora, Felicia, de orações só conhece as do catechismo e algumas outras, mais ou menos virtuosas, bem se importa ella com a grammatica e eu tambem, principalmente em se tratando de petiscos. Dê-me ella sempre cabidellas como as de hoje, mesmo sem syntaxe, e terá o meu apoio incondicional.

#### Laura

E Leonor ficou sentida comtigo.

#### Thereza

Porque eu disse que, se a gallinha era o sujeito, o molho era o complemento directo. Não sahi da grammatica, minha filha.

#### Laura

Mamãe sabe que ella é um espirito delicado, muito susceptivel e eu, francamente, receio que ella se resinta. Em verdade aqui falta-lhe tudo...

#### Thereza

Que é que lhe falta?

#### Laura

O meio intellectual...

#### Thereza

Ah! já lhe adoptaste as phrases campanudas...! Estás aqui, estás pedindo o suffragio e pregando a anarchia, com bombas. (Séria:) Sabes que é que falta a Leonor? é isto... (Espal-

ma a mão na fronte), entendes? é isto. (Depois de uma pausa:) Ha de vir com o tempo. (Outro tom:) Teu pae, nos lazeres da politica, compunha apologos e contos. Lembro-me de um d'elles e, como é interessante, vou dizer-t'o. (Contando:) "Mestre Bom Senso e D. Razão viram-se, um dia, e amaram-se. O Senhor, que fazia gosto na alliança porque convinha aos seus designios, casou-os e, dando-lhes um valioso dote, que foi a Prudencia, abriu-lhes a porta do ceu mostrandolhes o mundo. Desceram os dois e, como quem casa quer casa, trataram de procurar residencia. Encaminharam-se para um berço onde dormia um pimpolho de mezes, percorreram-lhe o cerebro e o Bom Senso viu logo que não podiam ficar - era um terreno virgem, sem vestigio de trato. "E' pena!, disseram. E seguiram. Logo adeante acharam um petiz de dez annos e foi a Razão que subiu a visitar o cerebro do infante -nada, nem capinado estava. Foram andando e deram com um rapaz de dezoito annos. "Muito bem! exclamou o Bom Senso esfregando as mãos. creio que achamos o que nos conven., Effectivamente encontraram uma casa nova e linda, mas sem mobilia. Puzeram-se, de novo, a caminho. Finalmente no cerebro de um homem de trinta annos acharam tudo: casa, mobilia, lençaria, baixella, e o mais. "Magnifico!, exultou o Bom Senso e installaram-se. Emquanto o marido tratava de arranjar a vida, a mulher plantava a horta e o

jardim. Ali viveram longos annos prosperos até que, um dia, a Razão percebeu que o cupim começava a destruir as vigas, que as portas oscillavam nos gonzos, que a chuva cahia dos telhados em copiosas gotteiras. "Acho melhor sahirmos d'aqui, disse ao marido; vamos procurar outra casa antes que esta nos caia em cima., E abalaram. E o cerebro do rapaz de trinta annos, então centenario, tornou-se em campo, não virgem, como o da creança, mas muradal -- coberto de destroços, apinhado de páos pôdres, com montes de telhas e de tijolos escalavrados. Ah! as ruinas da vida! as ruinas da vida! (Outro tom:) Leonor está como o mancebo de 18 annos, mas como a mulher é mais expedita nos arranjos da casa, conto que, em breve, a Razão e o bom Senso poderão installarse no seu formoso cerebro, ricamente mobiliado, ainda que, nos primeiros tempos, tenham de dormir com as janellas abertas por causa do cheiro das tintas. Demos tempo ao tempo e lembremo-nos de que, em começo, toda a installação é, mais ou menos. atabalhoada. Esperemos que ella ponha as coisas em ordem. (Depois de uma pausa:) A instrucção é uma palheta, filha, mas as tintas não bastam é necessario saber applical-as. Leonor tem todas as tintas, mas é incapaz de dar-nos um quadrinho. Se lhe pedimos uma composição apresentanos logo a palheta.

#### Laura

Leonor fala correntemente quatro linguas.

#### Thereza

Em Babel falavam-se todas... e ninguem se entendia.

## Laura

Conhece as sciencias physicas e naturaes, a historia, a geographia... canta, toca, pinta; esculpe, borda...

#### Thereza

Que mais?

Laura

Como que mais?

## Thereza

Sim; por emquanto só vejo tintas.

#### Laura

Tintas!

#### Thereza

Sim, tintas... Onde está a téla? Para que o quadro appareça falta o indispensavel—a téla: o juizo, a estabilidade. (Insistindo:) O juizo, Laúra.

#### Laura

E mamãe acha que Leonor não tem juizo?

#### Thereza

E digo-te que se não pensas como eu és tão desasizada como ella.

## SCENA V

#### AS MESMAS e MARIA

Maria, entrando pela esquerda:

A menina diz que são horas da maçada. (Laura arranja as musicas na estante).

#### Thereza

Que maçada?

#### Maria

A tal das esfregações, dos beliscões, das palmadas. Eu mesma não sei como não lhe incha o corpo todo com tanto bater e com tanto calcar.

#### Thereza

Ah! a maçagem. Madame está ahi?

#### Maria

Não, senhora. Foi justamente para chamal-a que eu vim. Vou ao telephone.

#### Thereza

Pois vae, não percas tempo: isso é urgente. (Entra á direita sorrindo).

#### Maria

É verdade... como é o nome d'ella?

#### Laura

Madame Suchard, 1320.

#### Maria

É isso... (Entra á direita).

## SCENA VI

LAURA, MARIA, ao telephone; depois LEONOR

#### Laura

Mamãe não se quer convencer de que a mulher de hoje não é o mesmo ser passivo, inerte do velho tempo. Leonor apparece-lhe como um phenomeno... d'ahi a sua ironia, as satyras malignas, a sua mal disfarçada má vontade, que eu não hesito em chamar despeito. (Ouve-se a campainha do telephone, á direita; Leonor entra pela esquerda com um livro).

## Maria, alto:

Alô! Faça o favor de ligar com o numero 1320.

Laura, dando com Leonor:

Já estás ás voltas com os livros...

Leonor, sem tirar os olhos do

Que hei de fazer?

Maria

Alô!

Laura

Isso faz-te mal.

Maria

1320.

Leonor

Qual! o que me cança é a inercia.

### Maria

É a madama Chuchada?

## Leonor, nervosa:

Chuchada! a imbecil... Pois é possivel que haja um cèrebro assim impermeavel!

#### Laura

Suchard, Maria... Madame Suchard.

#### Maria

Ella entende, patrôa; já está acostumada commigo. (Ao telephone:) 1320... sim... (Depois d'uma pausa:) É a madama Chuchada?

Leonor, levantando-se frenetica:

Ah! é demais...!

#### Laura

Não te incommodes, filha; deixa-a lá.

#### Leonor

Não posso! irrita-me os nervos...

## Maria

Sim, senhora. A menina está á sua espera. Sim, senhora. Como? (Com expressão de espanto:) Como!? (Horrorisada:) Santo nome de Deus! (Entra esgazeada).

Laura

Que é, rapariga?

Maria

A madama...

Laura

Que tem?

Maria

Foi empalhada e encaixotada e seguiu para Maxambomba.

Laura

Quem?

Maria

A madama.

Laura

Estás louca...

Maria

Pois vá ao telephone, patrôa.

### Laura

Isso deve ser cruzamento de linhas. (Entra á direita. Campainha:) Alô! 1320.

#### Maria

É sempre assim... Tambem são tantas linhas por esses ares que eu mesma não sei como essa gente se entende. Já uma vez fiz um pedido de leite e tanto sacudiram as minhas palavras que, quando a encommenda chegou, era um queijo.

#### Laura

Sou eu, madame: Laura Benito... Sim, madame. É justamente por isso. Ella está anciosa. Sim, senhora. Até já. Sim, senhora. Até já. (Campainha. Entrando, á Maria:) Empalhada, hein? Olha que tu... (Senta-se e põe-se a folhear um album).

## Maria, á Leonor:

A menina quer mais alguma coisa?

#### Leonor

Não. (De repente, deixando o livro:) Olha cá, estás muito occupada?

#### Maria

Não, senhora. (Laura preludía ao piano).

Leonor, com desembaraço:

Então vamos fazer um pouco de armas.

## Maria, espantada:

Fazer armas?! mas eu nunca fiz isso.

### Leonor

Eu ensino-te. Anda d'ahi. (Entra á esquerda).

#### Maria

Fazer armas... (Entra á esquerda pensativa).

## SCENA VII

## LAURA, depois THEREZA

Depois de uma pausa, durante a qual Laura executa av piano, entra

#### Thereza

Que historia é essa? desavieram-se as duas? Estão-se batendo em duello a florete.

### Laura

Quem?

Thereza

Leonor e Maria.

Laura

E mamãe deixou?

### Thereza

Sem duvida. Não quero que ella se queixe de mim: acha-me impertinente, diz que sou uma atrazada. Tu mesma, quando intervenho, mal disfarças o teu resentimento...

#### Laura

Mas Maria nunca viu um florete. Leonor é capaz de matal-a.

#### Thereza

Não creias. O florete na mão de uma mulher é como o espinho na haste de uma rosa—póde arranhar, não mata. É verdade que Maria nunca viu um florete, mas o instincto de conservação é um excellente mestre de armas.

#### Laura

Eu não gosto d'essas brincadeiras.

## Thereza

Brincadeira?! Mas Leonor não está brincando, está-se exercitando e uma mulher que tem as suas ideas deve preparar-se convenientemente para a lucta em todos os terrenos.

## Laura, nervosa:

Eu vou lá.

#### Thereza

Não vás.

#### Laura

E se acontecer alguma desgraça?

#### Thereza

Que póde acontecer? Descança.

#### Laura

Maria é muito estouvada.

## Thereza

Leonor conhece a esgrima como o cavalleiro de Saint Georges. (Gritos á esquerda).

## Laura, em grande afflicção:

Ah! bem me estava a dizer o coração... (Chorando:) Minha filha está morta!

Leonor, á esquerda; voz desfallecida:

Estou mortalmente ferida!

#### Laura

Ella matou-a! Minha filha morreu... Oh! a fatalidade...

Thereza, á porta da esquerda; calma.

Então que é isso?

Laura

Deixe-me passar, mamãe.

Thereza

Maria!

## SCENA VIII

## AS MESMAS, MARIA; depois LEONOR

Maria, entrando pela esquerda allucinada:

Matei a menina! Matei a menina! Está morta! Matei-a d'uma vez com o maldito espeto. Ella ahi vem... Está morta...

Laura, voz silvante:

Assassina!

Leonor, entrando pela esquerda: voz débil:

Estou morta!

Laura, abraçando-se com ella:

Minha filha!

Thereza

Mas, em summa: que ha?

Leonor

Estou morta, vovó: o ferro atravessou-me a carótida.

Thereza

Como foi?

#### Maria

Eu mesma não sei. Foi o diabo que empurrou a minha mão.

#### Leonor

E a hemorrhagia não pára...

### Thereza

Que hemorrhagia? Só se é interna, porque por fóra não vejo uma gotta de sangue.

### Leonor

Não vê? (Enternecida:) Ah! meu Deus... morrer na flor dos annos. Ainda se fosse heroicamente, como Joanna d'Arc... (Maria entra á direita).

## Thereza

Deixa-te de phrases. Vamos ver o tal ferimento. Onde é? (Campainha á direita).

Leonor, com a mão na garganta:

Aqui.

## Maria, ao telephone:

Alô! Senhor Dr. Brochado... (Campainha á esquerda).

## Thereza, á porta da direita:

Deixa lá o Dr. Brochado, rapariga. Vae ver quem bate. (A' Leonor:) É então isto...

## Leonor, combalida:

É... (Maria atravessa a scena da direita para a esquerda).

Laura, surdamente:

Assassina!

#### Thereza

Está bem... (Depois de examinar attentamente:) O' filha, é tão insignificante que por elle não passa uma gotta do sangue que pretendes derramar pela causa da emancipação da mulher.

#### Laura

E a carótida?

#### Thereza

Não te preoccupes com a carótida.

#### Leonor

E o sangue?

Maria, á esquerda, com myste-

Está ahi a madama Chuchada... (Outro tom:)
Como vai a menina?

### Laura

Madame que espere.

## Thereza, á Laura:

Vae lá entreter a franceza emquanto ponho em ordem os nervos de tua filha.

#### Maria

E o medico? (Laura sahe pela esquerda contrariada).

## Thereza

Deixa o medico em paz. Olha, vae buscar um pouco d'agua.

## Maria, á parte:

Ah!! meu Deus... (Alto:) Eu bem não queria... A culpa foi da menina: começou a dançar deante de mim, com o espeto... fechei os olhos e zpt! aquillo foi mesmo... nem sei como.

#### Thereza

Pudera! (Impaciente:) Mas vae, rapariga.

### Maria

Agua tem aqui. (Dá-lhe um vaso com agua).

Thereza, pensando o ferimento de Leonor:

Bem; podes ir.

Maria

Não sou aqui precisa?

### Thereza

Não. (Maria entra á esquerda).

## SCENA IX

## THEREZA e LEONOR

## Leonor, nervosa:

Devagar, vovó... Devagarinho...

#### Thereza

O' filha, não me pareces a mesma. Pois é esta coragem que pretendes pôr ao serviço da causa

nobre a que te dedicas? Olha que assim não dás conta do recado. (Outro tom:) O ferimento não tem gravidade, mas...

## Leonor, assustada:

Mas...?! Diga, vovó.

#### Thereza

Não poderás ir ao Lyrico decotada.

#### Leonor

Oh! vovó...

### Thereza

Tambem uma mulher do teu valor não se preoccupa com decotes; essas futilidades de toilette são para as pobres de espirito. Uma mulher como tu deve trajar com austeridade—de preto, severamente abotoada, como convem a uma propagandista.

## Leonor, amuada:

Eu, de preto, com vestido afogado... não vou.

## Thereza, sempre calma:

A cicatriz é que vae ficar feia... e em que ponto! O povo costuma fazer uma sympathia...

mas o povo, tu sabes, é supersticioso, tem alusões ridiculas...

## Leonor, interessada:

Mas que é, vovó?

### Thereza

É... é... dizem...

#### Leonor

Mas fale, vovó.

### Thereza

Dizem que um pouco de oleo da lampada de Nossa Senhora applicado sobre qualquer ferimento faz desapparecer a cicatriz. Coisas do povo...

#### Leonor

Quem sabe! vovó... (Depois d'uma pausa:) Vovó já experimentou?

#### Thereza

Eu? pois não: quando era mocinha. (Outro tom:) Mas eu creio, Leonor — conservo o fundo de ingenuidade que tu desbarataste. (Outro tom:) Ahi tens o resultado dos taes exercicios... e vê

como são as coisas: foste ferida pela Maria, uma ignorante que nem sabia empunhar o florete. Eu já em tempos, quiz dizer-te, a proposito dos excessivos exercicios, que não achava decente que fosses ao Lyrico... com mangas curtas.

## Leonor, abespinhada:

Porque?

## Thereza

Ora, porque... uns ditos, umas referencias de máo gosto...

## Leonor

Referencias a mim? a que proposito?

## Thereza

A proposito dos teus braços.

#### Leonor

Que tem os meus braços?

#### Thereza

Dizem que parecem os de um hercules de feira.

#### Leonor

Quem disse?

#### Thereza

Sei lá! Essas coisas chegam-nos sempre aos ouvidos... sem assignatura. A calumnia é filha de pais incognitos. (Outro tom:) Mas deixa lá, filha, quem quer que seja observa...

### Leonor

Vovó acha?

#### Thereza

Acho. Tu, com a tal mania de força, acabas deitando p'r'ahi um corpanzil de athleta... e a mulher, quando prefere a robustez á graça, perde o seu encanto maior, que é a flexibilidade.

#### Leonor

Quer vovó dizer que sou desgraciosa...?

#### Thereza

És forte — suspendes trinta kilos.

#### Leonor

Vinte.

#### Thereza

Ou isso... Eu sou uma velha, mais robusta que tu, apparentemente, já se vê, e mal posso com uma flor. E estou contente porque, a meu ver, a mulher deve ser uma haste e não uma columna. O esforço é inimigo da graça. Tu eras uma creaturinha elegante—chamavam-te: a Libellula, lembras-te? e hoje? Olha para as tuas mãos—tem mais callos do que as d'um serralheiro. Estás creando mãos para murros e não é esse propriamente o destino das mãos femininas, que Deus fez para o carinho. A tua fronte era olympica, serena, e agora? Já te miraste ao espelho?

Leonor

Não. Porque?

Thereza

Pois mira-te.

Leonor

Mas que tem?

#### Thereza

Estás vincada de rugas precoces. O estudo é como um arado que abre sulcos. (Sorrindo:) Eu tambem tenho as minhas phrases, de vez em quando. (Outro tom:) Estás envelhecendo. E' verdade que produzes lindas flores de rhetorica, mas... são incontestavelmente mais lindas as

rosas da mocidade que desabrocham nas faces. As tuas fanaram cedo: estás pallida. As vigilias consomem-te—pareces uma rapariga de trinta annos. (Ironica:) E' verdade que isso deve convir-te—assim infundirás mais respeito quando pregares as tuas idéas.

#### Leonor

Trinta annos...! Pois eu pareço ter trinta annos?!

#### Thereza

Não sou eu que o digo, são os outros. Para mim has de ser sempre a mesma Nonô que dormia ao meu collo pedindo-me, por entre bocejos, historias de genios e de princezas encantadas.

## Leonor, com tristeza:

Eu sei que vovó me acha enfatuada, pretenciosa...

### Thereza

Quem te disse tal? (Leonor encolhe os hombros:) Foi a tua consciencia, não? (Outro tom:) Eu não me opponho aos teus estudos, applaudo-os até, acho, porém, que fazes alarde demais dos teus conhecimentos.

## Leonor, depois de uma pausa:

Mas vovó acha que eu estou ficando feia?

#### Thereza

Já te disse que apenas repito palavras que correro.

#### Leonor

Deus é grande!

#### Thereza

Para os que n'elle crêm.

## Leonor

E eu não creio em Deus?

## Thereza

Tu! uma racionalista extremada...

#### Leonor

Pois creio.

## Thereza

Ainda bem. (Outro tom:) Olha que madame Suchard está á tua espera. (Leonor encolhe os hombros, indifferente:) Sim, descança; deves estar moída.

#### Leonor

Mas vovó acha que os exercicios...

#### Thereza

Eu insisto em dizer que a mulher deve contentar-se com a sua força, que é feita de um conjuncto de fraquezas. A mulher deve ser meiga, crente, resignada, amorosa, caritativa e dócil. Conheces o apologo do feixe de varas? (Signal affirmativo de Leonor). Pois bem-já viste um fio de seda? rebenta-o qualquer creança, não é verdade? faze uma meada e terás uma forca. A mulher, quanto mais fraca se faz, mais forte se torna. Não contrariemos as leis naturaes. Ha o dia e a noite. O primeiro é masculino, luz viva e calida, provocando a agitação - é o momento febril, a acção. A noite é calma, a sua luz é pallida e repousada, as estrellas são como murmurios. Tudo á noite é brando-é a hora mysteriosa da creação. Revolta-se a noite porque tem a luz pallida e as lagrimas do orvalho? não - cada qual exerce o seu officio. E nós porque não nos havemos de contentar com o destino que nos foi dado? O musculo que se quer forte na mulher é o coração.

#### Leonor

E se a costureira arranjasse uma gola de velludo?

#### Thereza

Sim; é uma idéa.

Leonor

Fica bem... vovó não acha?

Thereza

Sim.

Leonor

Eu vou falar. (Entra á direita).

Thereza, de mãos postas:

Louvado seja o Senhor!

Leonor, ao telephone:

Alô!

## SCENA X

## AS MESMAS e LAURA

Laura, á esquerda:

Leonor, madame Suchard está á tua espera. (Entra).

### Thereza, sorrindo:

Qual madame Suchard... Leonor está farta de maçagens... e eu tambem. Podes despedir a franceza.

Leonor

Alô!

Thereza

Ouve e pasma.

Leonor

404... Madame Leontine.

Laura

A costureira...?

Thereza

Ouve.

Leonor

Sou eu, madame: Leonor. Madame pode chegar aqui? (Depois de uma pausa:) Sim, já. E' para um caso urgente.

Thereza

Estás ouvindo?

Laura

Mas que é?

#### Thereza

Que é? é a victoria do instincto. E' a minha Leonor que eu consegui arrancar de um palheiro de ideas abstrusas trazendo-a para a verdade, para o seu destino que é ser mulher e não uma sabichona ridicula.

#### Laura

Mas que vem cá fazer a costureira?

#### Thereza

Vem arranjar-lhe uma gargantilha de velludo para que não se veja o pequenino ponto côr de rosa que lhe tez no pescoço o abençoado florete, a vara magica que quebrou o encanto. A preciosa desappareceu. Ah! minha filha, a vaidade é uma força e eu contava com ella para a salvação da pequena. Emquanto houver espelhos os homens poderão ficar tranquillos porque as mulheres não lhes disputarão a primazia. Agora a sciencia repousa no fundo do espirito e o sentimento sobrenada — para que a sabedoria reappareça basta uma leve agitação, mas o que eu quero que n'ella se veja é o que encanta as suas qualidades delicadas, a alma, em summa.

Leonor, entrando radiante:

Vem!

#### Thereza

Agora dá-me um abraço... É assim que te quero ver. (Baixo á Laura:) Se vires o Bom Senso e a Razão dize-lhes que têm aqui uma linda casa que os espera, nova, mas sem cheiro de tintas—está convenientemente arejada.

#### Laura

Mamãe conseguiu o que desejava...

#### Thereza

Não fiz mais que despertar a mulher tocando lhe no instincto. Ahi a tens—orgulha-te.

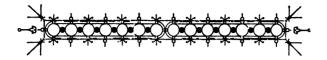
#### **PANNO**

# Fim de raça

Comedia em 1 acto, representada a primeira vez no theatro Apolo, na festa artistica da actriz Lucinda Simõos, a 22 de \* \* \* \* \* Dezembro de 1900 \* \* \* \* \*

### **PERSONAGENS**

## ACTUALIDADE



Salão nobre no palacete da baroneza de Piranhas, Galeria envidraçada ao fundo com plantas ornamentaes, A' noite

## SCENA I

### A BARONEZA e LAURINDA

A baroneza sentada n'uma poltrona compõe um ramilhete, Laurinda folheia um album.

#### A baroneza

Trata-se pois, Laurinda, de uma resurreição, ou antes: de uma redempção. O papel que te reservo é dos que se celebrisam nos fastos da humanidade. Os poetas cantam a mulher que redime, os philosophos abençoam-na, os historiadores eternisam-na. Mulher é synonimo de origem, não é verdade?

Laurinda

Não sei.

A baronéza

Que vês tu na mulher?

### Laurinda

Vejo a mulher, a negação da vontade uma cousa de que os homens se servem, não é isto?

## A baroneza, muito calma:

Vês a esposa, a mãe, o manancial humano, a fonte perenne da vida. Na origem a agua da fonte é limpida, derivando, porém, através da floresta por meandros em repartidos fios, vae ella carreando folhagem e ramos, escoria e lodo, todos os detrictos da selva. Se é soccorrida por outras aguas faz-se um rio, avoluma-se, assoberbase, leva de rastos todos os tropeços; se fica, porém, nas suas posses mesquinhas rebalsa-se, torna-se em pantano morto e, em vez de continuar o curso sereno, pára em alagadicos, adormece em atascaes e o que devia ser vida torna-se um elemento de morte. Pois foi isto que aconteceu á nossa familia com os casamentos entre consanguineos. Por uma avareza de gloria e de fortuna nunca acceitamos o soccorro de outro sangue e estacionamos em paúl. A casa dos Piranhas, tão illustre nas guerras, nas sciencias, nas artes, na politica, nas letras, casa que produziu Bento Piranha, cognominado o Raio, Thomé Piranha, o Pensador, Estevão Piranha, o Perfeito, Bartholomeu Piranha, que o povo, na sua gyria, appellidou o Manhoso e Carlos Coração de mel, o

poeta maior e mais suave do seu tempo, que é hoje? um gynecêo onde vivem tristemente duas fracas mulheres: eu, á beira do tumulo; tu, uma flor pendida.

## Laurinda

E que pretende minha tia fazer?

#### A baroneza

Pretendo restaurar a casa e para isso conto com o teu auxilio. Tu és o lyrio da redempção da nossa familia, Laurinda. Se eu entregar-te a um d'esses rapazes elegantes passarás a ser simplesmente uma linda flor de ornamento, irás para a botoeira d'uma casaca e alli acabarás fanada e esteril. Se ao contrario, encontrares um tronco . robusto...

#### Laurinda

Farei vida de parasita.

## A baroneza, continuando:

...alimentada pela seiva forte, acolhida á saude, que é como o sol, passarás pela metamorphose sublime—a flor transformar-se-ha em fructo, fructo formoso, portador de novas sementes, para alegria do meu coração e gloria da minha casa, da nossa casa. Tu, com os teus olhos innocentes e ainda empannados de sonhos, vês apenas o que está perto—o presente, o goso ephemero; eu alongo a vista para o futuro e diviso a eternidade.

### Laurinda

Não sabia que os seus oculos eram de tanto alcance.

#### A baroneza

Examina a tua fraqueza. Não tens musculos, não tens sangue, uma pallidez doentia veste-te como uma alva mortalha. És a ultima dynamisação de uma raça, és o ribeiro rebalsado e eu inundo-te, despejo em ti um rio caudaloso.

#### Laurinda

As inundações são sempre desastrosas.

#### A baroneza

Tens a intelligencia, eu sirvo-te a força. Tens a belleza, offereço-te a saúde. Tens uma tradicção de velhissima nobreza, eu dou-te a robustez de que ella carece para que se não extinga. És um pavío tenue, eu trago-te a luz e serás esplendor. Da combinação d'estes elementos contrarios é que hade sahir o typo perfeito do messias dos Piranhas. Igual com igual dá em resultado o monótono.

#### Laurinda

Não falaria com mais engenho meu grande avô Carlos, Coração de mel.

#### A baroneza

Pensa, Laurinda. Pensa...

## Laurinda

Nem eu faço outra cousa, minha tia. Se eu não pensasse já me teria resignado, mas eu entendo que o coração deve ser ouvido porque uma raça não vive exclusivamente pela força... vive mais pelo sentimento.

#### A baroneza

O sentimento é uma molestia.

#### Laurinda

Como a poesia.

#### A baroneza

Os sentimentaes são sempre infelizes. Todos os males que têm affligido a Humanidade tiveram origem no sentimento. O homem deve encarar a vida com frieza e calma, escolhendo o

que é util, fugindo á futilidade. O sentimento é um enfeite.

## Laurinda

É o perfume do coração, disse meu tio Carlos.

## A baroneza

Mas ninguem vive de perfume, minha filha.

### Laurinda

Entretanto a senhora está sempre cercada de flores.

## A baroneza

Como os tumulos. Demais, os teus escrupulos não têm fundamento. Leste com attenção a carta do Dr. Maldonado?

#### Laurinda

Li.

#### A baroneza

Então?

#### Laurinda

Fiquei assombrada. O que elle alli descreve não é um homem, é uma monstruosidade. Um metro e noventa centimetros de altura, 182 kilos de peso, coração que é uma machina de transatlantico, 48 centimetros sobre 22 de barba, olhos bovinos, dentes solidos. Rebenta a pulso todos os dynamometros, come 12 kilos por dia, bebe 16 litros. É isso um homem, minha tia? Ha mulher que possa com semelhante cousa?

#### A baroneza

Ha, pois não. Quando se tem em vista a salvação d'uma casa como a nossa tudo se faz.

### Laurinda

E se eu morrer esmagada?

## A baroneza

Não morrerás. O elephante, que remove penedos, é empregado, na India, como ama de creancas.

#### Laurinda

Mas nós não estamos na India, minha tia. (Resoluta:) Mesmo eu não tenho coração para tão grande amor.

#### A baroneza

O coração póde abranger com o amor a Humanidade inteira.

#### Laurinda

E minha tia já viu esse phenomeno?

#### A baroneza

Ainda não. Devo vel-o hoje porque o Dr. Maldonado comprometteu-se a trazel-o.

## Laurinda, surprehendida:

O Dr. Maldonado!?

### A baroneza

Sim, o Dr. Maldonado.

#### Laurinda

Não comprehendo.

#### A baroneza

Que é que não comprehendes? (Outro tom:) Pois, minha filha, eu estou resolvida a tudo. Se fôr preciso eu mesma falarei a esse homem. (Enlevada:) Um metro e noventa! 182 kilos de peso! Como deve ser bello! nem Bento Piranhas.. E que descendencia!

### Laurinda

E que faz esse homem?

É lavrador; vive em plena natureza como um primitivo. É o typo perfeito de Adão antes do peccado.

# Laurinda

Pois, minha tia, ao lado de um tal Adão não sei se terei forças para resistir á serpente.

### A baroneza

Que dizes?

Laurinda

Oraculos.

# A baroneza

A mulher deve procurar no homem a força, a energia, a graça viril e não as linhas suaves, as brandas palavras, a meiguice molle. O estridor do oliphante de um guerreiro devia ser mais agradavel ao ouvido d'uma mulher perfeita do que a melopea meliflua d'um namorado piegas. A humanidade precisa refazer-se.

# Laurinda

E minha tia julga-me capaz de realisar tão nobre missão?

Tu e outras como tu. Dizem os sabios que preoccupação principal da mulher deve ser o es queleto do homem. Um bom esqueleto é a me lhor garantia d'uma posteridade robusta. O es queleto é a base.

### Laurinda

E minha tia responsabilisa-se pelo esquelete d'esse homem?

### A baroneza

Foi examinado pelo Dr. Maldonado e os raios X não mentem. É um esqueleto...

### Laurinda

De mastodonte, imagino.

Emilia, á direita:

O senhor Dr. Maldonado.

A baroneza

Só?

Emilia -

Sim, minha senhora.

Manda entrar.

Laurinda, entre dentes:

Hypocrita!

# SCENA II

# AS MESMAS e o DR. MALDONADO

A baroneza, vendo o Dr.:

· Então só, meu amigo?

O Dr., depois de beijar a mão ás senhoras:

Por um instante, senhora baroneza. O grande l'agaldabás não deve tardar. Deixei-o á sobrenesa porque a minha clinica já não permitte que u saboreie com vagar o café e o licor. Vim aqui uma casa da visinhança combater o resto d'uma rise de arrufo. Oh! a lúa de mel... as tempesades de verão. Bragaldabás deve vir encontrarne aqui.

#### Laurinda

Bragaldabás!

O Dr.

Bragaldabás, pois não: Joões Bragaldabás. Eu ligo Joões porque entendo que um homem como

aquelle deve ter o nome no plural. Bragaldabás é um nome sonóro, lembra guerras. É basco.

# Laurinda

Ah!

# A baroneza

Não imagina como eu estou anciosa por vel-o! Deve ser um homem!

#### O Dr.

Sim, senhora baroneza, é um homem! Creio mesmo que é mais alguma cousa: dá a impressão de dois. É como se a gente visse um par de gemeos, um mettido no outro, por economia de espaço. É demais, francamente. A minha clinica não é pequena, tenho visto extraordinarias aberrações, innumeros casos teratologicos, mas Bragaldabás é unico. Antes do almoço engole uma duzia de ovos quentes e enxuga duas garrafas de Collares.

### Laurinda

E como espirito?

O Dr.

Espirito?!

### Laurinda

É homem culto? tem idéas? Pensa?

## O Dr.

Não, senhora. Bragaldabás engorda.

#### A baroneza

Mas deve ter uma saúde de ferro.

### O Dr.

De diamante, senhora baroneza. Atravessa as epidemias com uma indifferença superior. Como V. Ex.ª sabe o toucinho é isolador. Não ha mal que lhe chegue e eu já pensei em fazer experiencias com a banha de Bragaldabás; deve dar um sôro excellente. E que nome! sôro Bragaldabás.

#### A baroneza

Anatomia de primeira ordem, não?

### O Dr.

Admiravel! é um tratado. Physiologicamente é o ideal da perfeição.

# A baroneza, á Laurinda:

Vês? (Ao Dr.:) Não pensa, não cogita, acceita o mundo e os phenomenos sem discutir, não se

preoccupa com as causas, não cultiva as idéas geraes...

### O Dr.

Cultiva couves e outras hortaliças que engordam.

# A baroneza

Nos tempos que correm um homem d'esses é um thesouro, não acha, Dr.?

O Dr.

Eu, minha senhora?

# Laurinda

Entende-se o que elle diz?

O Dr.

Ás vezes.

### Laurinda

Esse homem deve roncar.

# O Dr.

Disseram-me no hotel que atrôa o segundo andar quando dorme. É natural.

É a expansão da força contida. E o rythmo cardiaco, Dr.?

O Dr.

Perfeito.

# A baroneza, radiante:

Admiravel! Com licença, Dr., um instante. É verdade, já leu a soberba monographia de Mem Ferreira sobre a moral dos lezardos?

O Dr.

Ainda não, senhora baroneza..

#### A baroneza

Pois leia, leia. Elle demonstra que as lagartixas são monógamas e que não conhecem o adulterio. (Com intenção:) As lagartixas, Dr.

### O Dr.

Isso prova apenas, minha senhora, que as lagartixas são animaes inferiores.

#### A baroneza

Mas de grande moralidade. Com licença. (Sahe pelo fundo).

# SCENA III

# LAURINDA e o Dr. MALDONADO

Laurinda, depois d'um silencio:

É então verdade que me detesta, senhor Dr.? (Espanto do Dr.) Que lhe fiz eu? Quiz, certamente, vingar-se da minha recusa no baile do ministro Sarmento? Pois acredite: não pensei em offendel-o. Se dancei com o flexivel maximo foi porque o flexivel maximo, sempre pressuroso, logo á entrada tirou-me para a primeira valsa. Demais o Dr. estava em veia erudita e discutia a lepra com tanto interesse que, por certo, não me viu entrar. Se houve um melindrado não foi o Dr., convenha...

### O Dr.

Mas eu não comprehendo. Detestar, eu? vingar-me... de que? Explique-se, minha senhora. Explique-se, pelo amor de Deus!

#### Laurinda

Onde foi o senhor descobrir esse Trabuzanas?

O Dr.

Que Trabuzanas?

### Laurinda

Esse homem que pesa 182 kilos.

#### O Dr.

Bragaldabás? Conheci-o em Caldas, por signal que em circumstancias bem comicas. Certa manhã entrou Bragaldabás em uma das banheiras, creio que se dilatou com o calor de sorte que, ao fim do banho, querendo sahir, não poude e poz-se a berrar, a mugir atroadoramente. Procuraram um medico, apresentei-me. Arrombada a porta do cubiculo vi que se tratava apenas d'uma entalação. Prestei-me a retiral-o do aperto e, desde então, o monstro, dizendo que o extrahi, resolveu chamar-me o — seu parteiro. Eu, minha senhora, parteiro d'aquillo. Mas em summa—que ha com Bragaldabás?

### Laurinda

Que ha! Pois não sabe?

O Dr.

Não.

### Laurinda

Minha tia quer que eu case com elle.

#### O Dr.

Com Bragaldabás!? a senhora! Não é possivel! (Distrahido:) Mas é querer metter a Sé na capella do Menino Deus.

# Laurinda

Minha tia entende que a nossa raça está fatalmente perdida por haver degenerado no circulo vicioso dos casamentos entre consanguineos. Quer salval-a entregando-me a um homem forte, que venha revigorar a arvore genealogica trazendo-lhe seiva sã — banhas, musculos, sei lá! Idéas de minha tia.

# O Dr.

Foi então por isto que ella me pediu um relatorio sobre Bragaldabás.

# Laurinda

Naturalmente.

### O Dr.

Mas é absurdo. Demais a raça que ella pretende perpetuar com tão monstruosa alliança não é a dos illustres Piranhas, mas a dos obesos Bragaldabás. A senhora baroneza quer sophismar a lei da geração... ou não a comprehende...

### Laurinda

É sempre assim — quando não se comprehende a lei condemna-se o innocente.

O Dr.

E a senhora?

#### Laurinda

Eu? prefiro a morte. Detesto a gordura, mesmo á comida.

#### O Dr.

E aquella então! A senhora ha de ver. (Furioso:) De sorte que eu mesmo ajuntei a lenha para a fogueira que me hade queimar!

### Laurinda

Como diz?

O Dr.

Que disse eu?

# Laurinda

Parece-me ter ouvido uma confissão... explosiva.

# O Dr., depois d'um silencio:

E não se enganou... E já que a minh'alma fez explosão, diga-me: Acredita que eu tivesse

entrado em tão nefanda conspiração contra a sua belleza, contra a sua graça, contra o seu espirito. contra a sua vida, emfim, porque um tal homem é um peso na vida de uma mulher, é a morte? Não seria um casamento, seria uma catastrophe. Não, Laurinda.

### Laurinda

Pois minha tia quer, a todo o transe, que eu salve a casa dos Piranhas.

# O Dr.

Não, a baroneza está em erro: não é com o abarrotamento que se salva o inanído.

### Laurinda

Convença-a, se é capaz.

O Dr.

E se eu conseguir?

# Laurinda

Não é, então, por generosidade que acceita a minha causa? entra no pleito com interesse?

### O Dr.

Sim; mas o interesse é tão nobre que não deve ser olhado com menos preço.

### Laurinda

A minha vida está em suas mãos.

### O Dr.

É, então, o coração que eu possuo?

# Laurinda

Sim, se, em verdade, o coração é o centro da vida. (Sorrindo:) Estou a falar como minha tia; desculpe-me, não tenho velleidades scientificas. Quer dar-me o seu braço? Vamos ao encontro da salvadora dos Piranhas.

# O Dr.

Bragaldabás... Que idéa! (Sahem pelo fundo conversando).

# SCENA IV

# BRAGALDABÁS e EMILIA

Emilia entra pela direita espantada, como a fugir a uma visão. Bragaldabás apparece: alto, monstruosamente gordo, barba negra e farta despejando-se-lhe espalhadamente pelo peito; abrutalhado, mas na physionomia uma ingenua expressão de bondade.

#### **Emilia**

Queira ter a bondade de esperar aqui um instante emquanto eu vou prevenir a senhora baroneza. (Sahida falsa:) Se V. Ex.ª tivesse um cartão...

# Bragaldabás

Um cartão? Tenho muitos. (Tira do bolso interior da sobrecasaca varios cartões e offerece-os:) Escolha á vontade. (Emilia toma um cartão ao acaso). Olhe, se a senhora me pudesse arranjar um copo d'agua...

#### Emilia

Pois não. (Sahe pelo fundo).

# Bragaldabás, sentando-se:

Estou embuchado. Não sei porque, mas aqui no Rio de Janeiro, em comendo qualquer cousa,

fico logo que nem uma giboia. Acho que é do calor. Faz muito calor aqui... Tambem ha tantos thermometros... e tudo a subir. (Levanta-se e, cantarolando, põe-se a examinar a sala. Dá um empuxão ás calças). Estas calças... (Outro tom:) Que haverá por traz d'aquella vidraça? (Vendo as plantas:) Ah! é a horta... A casa é bonita, lá isso é. (Emilia entra com um copo d'aqua. Depois de beber:) Outrosinho, sim?

## Emilia

Sim, senhor. (Sahe).

Bragaldabás, põe-se a passeiar cantarolando. Emilia entra com outro copo d'agua. Depois de beber:

Se não fosse incommodo...

Emilia, maravilhada:

Quer mais!?

# Bragaldabás

Sim, senhora. Eu, em começando a beber, é assim. (Emilia sahe. Continua a cantarolar. Emilia entra com um vaso d'agua e o copo em uma salva. Depois de beber o primeiro copo:) Quando se tem sede não ha como a agua. (Depois d'outro copo:) Agora sim. (Outro tom:) Pode dizer-me que horas são?

### **Emilia**

Nove horas.

# Bragaldabás

É que eu tenho uma ceia com uns rapazes e não os quero fazer esperar. A dona da casa não está? ou quem sabe se já se foi deitar?

# **Emilia**

Não, senhor.

# Bragaldabás

Eu vim cá porque o Dr. Maldonado disse-me que viesse. Fiz bem, não acha?

# Emilia

Fez sim, senhor.

# Bragaldabás

Tem phosphoros?

# · Emilia

Não, senhor. Mas posso ir buscar.

# Bragaldabás

Não vale a pena, fumarei mais tarde. Mesmo o cigarro não me faz muito bem: tenho emma-

grecido muito e os medicos dizem que é do fumo. Ah! a senhora não imagina como eu fumo... quando começo é aos maços. Quem sabe se a dona da casa já está recolhida? Não a incommóde por minha causa...

# Emilia

Não, senhor. Eu vou chamal-a. Com licença.

# Bragaldabás

Eu não sou de ceremonia.

# **Emilia**

Sim, senhor. (Sahe pelo fundo. Bragaldabás continua a cantarolar, passeiando).

# SCENA V

# A BARONEZA e BRAGALDABÁS

A baroneza, apparece ao fundo e detem-se surprehendida. Adiantando-se:

Mas deve ser o senhor Bragaldabás...

# Bragaldabás

Bragaldabús, minha senhora.

Ah! não é Bragaldabás?

# Bragaldabás

Sim, minha senhora, sou Bragaldabás; mas como tenho um irmão mais novo todos, em casa, chamam-me Bragaldabús. (A baroneza examina-o maravilhada). A senhora desculpe-me, eu aqui estou porque o Dr. Maldonado...

### A baroneza

Desculpa devo eu pedir, da minha demora; mas a creada deu-me um cartão de Meirelles & Benito, negociantes de couros: "Ao Minotauro,, creio, e eu...

# Bragaldabás

Ah! sim, é verdade. Ella pediu-me um cartão e eu, como ando sempre cheio d'elles, porque os recebo aos dez e aos vinte por dia, deilhe uns tantos a escolher; ella levou aquelle. Eu tenho outros melhores, uns até com bonecos.

#### A baroneza

Pois foi a meu pedido que o Dr. o convidou, senhor Bragalda...

# Bragaldabás

... bús, minha senhora, como lá em casa. Eu mesmo dou mais pelo bús...

### A baroneza

Pois é verdade, senhor Bragaldabús... eu tinha grande desejo de conversar com o senhor e pedi ao nosso commum amigo, o Dr. Maldonado, que me proporcionasse a ventura de o receber n'esta casa. O senhor Bragaldabús é solteiro, não?

# Bragaldabás

Quasi viuvo, minha senhora. Quasi viuvo.

## A baroneza

Como?

# Bragaldabás

É que meu pai quer que eu case com uma viuva, a Rosa Moreno... A senhora talvez conheça.

# A baroneza

Não tenho a honra... E o senhor?

# Bragaldabás

Eu? eu não sei, isso depende... Se ella quizer, para mim é indifferente. Isso de casamento é um

arranjo, a senhora não acha? A gente casa, vêm os filhos... Eu conheço essas cousas. E eu, então, que sou um caipora com os filhos...

### A baroneza

O senhor! Pois já?!

# Bragaldabás

Já, minha senhora, já... uma cabeçada. Nasceu um pequeno que fazia gosto ver!

### A baroneza

Eu imagino!

# Bragaldabás

Mas sem dedos. E começou toda a gente a dizer que eu não tinha dedo p'ra coisa. Ia havendo o diabo, minha senhora... o diabo! E o pequeno foi-se.

#### A baroneza

E a mãe, senhor Bragalda... bús?

# Bragaldabás

Morreu, minha senhora. Morreu de mal de sete dias.

# A baroneza, depois de uma pausa:

Devem ser muito velhas as raizes da sua arvore, senhor Bragaldabás; dactam, talvez, do tempo dos wisigodos...?

# Bragaldabás

Que arvore, minha senhora?

# A baroneza

A da sua casa...

# Bragaldabás

Ah! são muitas. Temos lá laranjeiras, mangueiras, limoeiros... mas o que dá é o café.

## A baroneza

Perdão—eu refiro-me á sua arvore genealogica.

# Bragaldabás, espantado:

Não conheço... Ah! espere... é uma que dá um fructo parecido com a jaca, um pouco menor...

#### A baroneza

Não, eu pergunto pelos seus avós, senhor Bragaldabás.

# Bragaldabás

Ah! minha senhora, morreram todos. Eu conheci ainda, já muito velho, o meu avô paterno. Excellente creatura! Foi elle que nos legou "Terra Linda, - é o nome da nossa fazenda - começou a vida tangendo récuas. Eu não tenho vergonha de contar estas cousas porque, emfim, a verdadeira fidalguía é a do cobre, não é verdade? Tenha eu a bolsa recheiada e bem me importa a mim a corôa do visinho. Meu avô tropeiro fez fortuna, comprou terras, montou engenhos e deixou tudo a meu pai, que é hoje o senhor de "Terra Linda.... um paraiso! Alli é que se vive, minha senhora. Nada de arrochos, nada de pannos quentes—um pouco de brim sobre o corpo, um largo chapeu de palha á cabeca e salta p'r'ó cavallo e toca! campo a fóra, com o vento a assobiar, ouvindo a cantiga das moças e mais a passarada que por lá é muita. Ganha-se dinheiro e saúde e a gente, porque não faz mal a ninguem, dorme em paz com uma Nossa Senhora á cabeceira e a aguasinha do moinho a cantar perto. Isto é que é, minha senhora... Isto é que é!

#### A baroneza

Tem razão, senhor Bragaldabús... isso é que é! (Os dois ficam em silencio como recolhidos n'uma saudade.)

# SCENA VI

# OS MESMOS, o Dr. MALDONADO e LAURINDA

O Dr. e Laurinda apparecem ao fundo e detêm-se:

O Dr., espantado:

Bragaldabás!

Laurinda, pasmada:

É aquillo!? Como minha tia desapparece ao lado d'elle!

O Dr.

O maior absorve o menor.

# Laurinda

Que figura faria eu ao lado d'esse monstro?

O Dr.

A de um lyrio na tromba de um elephante.

### Laurinda

Minha tia acha que os elephantes são muito delicados.

### O Dr.

Mas não deixam de ser elephantes.

# Laurinda

Mas francamente - aquillo é um homem?

# O Dr.

Parece uma familia, não é verdade?

# Bragaldabás, suspirando:

Pois é isso, minha senhora.

# O Dr.

Parece que estavam a falar de cousas ternas...

# A baroneza, voltando-se:

Approximem-se. Não ha aqui segredos.

# Laurinda

Não queriamos ser indiscretos. (Faz um cumprimento cerimonioso).

# A baroneza, apresentando:

Minha sobrinha. O senhor Bragaldabás.

# O Dr., áparte:

Oh! Já o trata com tanta intimidade.

# Bragaldabás

Muito bonita moça. (Ao Dr.:) Cá estou.

# A baroneza, baixo, á Laurinda:

Preciso conversar com o Dr., vai com o senhor Bragaldabás á varanda, mostra-lhe a lua, Venus, a Via Lactea, o que quizeres; mas avia-te. Não imaginas, filha: inteiramente parvo, absolutamente bronco, sem arvore, um avô tropeiro, o ideal para a salvação da nossa raça. Vai, toma-lhe o braço, arrasta-o. Elle parte ámanhã, é preciso que tudo fique decidido hoje. Captiva-o, faze tudo quanto puderes pelo futuro da nossa casa. Lembra-te dos teus avós. Vai!

### Laurinda

Sim, senhora. (Baixo ao Dr.:) Seja eloquente, energico. Salve-nos! (Alto:) Senhor Bragaldabás.

# Bragaldabás

...bús, minha senhora. Entre pessôas d'amizade sou Bragaldabús, como lá em casa.

# Laurinda

Quer ver um lindo espectaculo?

# Bragaldabás

Ha theatro aqui?

### Laurinda

Dê-me o seu braço e venha apreciar da varanda o nascimento da lua. (Com preciosismo:) Venha ver subindo do mar tranquillo como um nelumbo á flor d'um lago. (Bragaldabás olha-a com espanto. Vão caminhando para o fundo.) E' verdade que o senhor pesa 182 kilos, senhor Bragaldabás?

# Bragaldabás

...dabús, minha senhora. 182 quando estou em jejum; depois de comer é outro cantar.

# SCENA VII

A BARONEZA e o DR. no salão; BRAGALDABÁS e LAURINDA, ao fundo.

A baroneza

Doutor...

O Dr.

Senhora baroneza...

# A baroneza

Sente-se aqui perto de mim e fale-me com toda a franqueza, não como amigo, mas como medico.

O Dr.

É então uma consulta, senhora baroneza?

### A baroneza

Sim, Dr.; é uma consulta e das mais graves. Imagine que está á cabeceira de um moribundo.

O Dr.

Oh!

Laurinda, ao fundo:

Agora! Agora!

A baroneza

E' verdade.

Bragaldabás

Parece um queijo.

O Dr.

E póde-se saber quem é o doente? (Lanrinda ri).

### A baroneza

É a casa dos Piranhas. O Dr. não ignora que d'essa illustre familia restam apenas dois membros e fracos, porque são duas mulheres. O nome dos Piranhas não póde, não deve desapparecer e eu resolvi salval-o, mesmo com sacrificio. (Bragaldabás ri estrondosamente). Veja o Dr. o meio de que pretendo lançar não. Laurinda é uma menina debil—vive mantida pelo espirito, é a alma energica que a sustenta; a alma ou os nervos. como querem os materialistas.

O Dr., sorrindo:

Como eu.

# Bragaldabás

Dizem que a lua é de gelo e que ha gente

por lá... deve soffrer muito frio porque á noite não ha sol.

Laurinda, distrahidamente:

É verdade.

#### A baroneza

O sangue é pouco, esse mesmo dessorado; os musculos fraquissimos. A pobresinha é o rebento misero de uma arvore que se fina e eu faço questão do resurgimento. Lembrei-me da cultura intensiva—um adubo forte que se transforme em seiva revigorando o renovo, dispondo-o para a vida, para a florescencia, para a fructificação. Os elementos contrarios postos em contacto dão sempre resultados magnificos.

O Dr.

Quando sympathisam.

## A baroneza

Ora, para combater a fraqueza de Laurinda deparou-me o acaso a robustez do seu amigo...

O Dr.

Que amigo, senhora baroneza?

Bragaldabás ou ...dabús.

### O Dr.

Pois V. Ex.ª pensa em dar a sua sobrinha a Bragaldabás?

# Bragaldabás

A senhora acredita em almas?

### Laurinda

Creio na Alma.

### A baroneza

Pois não! e apoio-me na theoria das compensações e na lei da selecção.

# Bragaldabás

Pois, minha senhora, deixe lá falar quem fala. Que ha almas... isso ha, ora se ha.

### O Dr.

Não ha theorias, não ha leis. Bragaldabás está fóra de todas as leis, está acima da comprehensão humana, está muito além do alcance da imaginação. Se V. Ex.ª quer extinguir o nome dos Piranhas entregue sua sobrinha a Bragaldabás. (Bragaldabás grunhe; Laurinda ri).

# A baroneza, desmaiada:

E tudo porque ella é franzina. (Depois d'uma pausa:) Creia, Dr., que se eu não tivesse os cabellos brancos que tenho e certos escrupulos, quem salvava a casa dos Piranhas era eu.

### Laurinda

E depois?

O Dr.

A senhora baroneza?

# Bragaldabás

Quasi morri.

### A baroneza

Eu mesma. Ah! o Dr. não me conhece. Acima de tudo a minha raça.

O Dr.

V. Ex.ª tem razão: a raça acima de tudo.

O sangue dos Piranhas está enfraquecido, não? busquemos um sangue rico que o restaure. A intelligencia dos Piranhas tem-se consumido em excessos? procuremos o cerebro repousado de um labrego. Ha muito nervosismo nos Piranhas? compensemos essa vibratilidade com o peso rijo d'uma musculatura sã. Os Piranhas têm a effeminada belleza dos aristocratas? vamos ao campo buscar as feições incorrectas d'um rustico.

# Bragaldabás

Qual!

Laurinda -

Affirmo-lhe.

# A baroneza, continuando:

Alliemos o sublime com o comesinho, liguemos o requinte com o rudimento e o resultado será o typo magnifico do homem ideal: forte e viril, d'uma belleza máscula, intelligencia equilibrada, ponderação e astucia e com energia para levantar e sustentar a casa que repousa sobre os hombros derreados de duas cariatides fracas, que somos nós.

### O Dr.

E se sahir um monstro, sem dedos ou com dedos demais, sem cabeça ou com duas?

O Dr. disse-sem dedos?

O Dr.

Sim, senhora baroneza.

A baroneza

Então sabe?

O Dr.

Tenho lido, é commum.

A baroneza

O mesmo Bragaldabás...

O Dr.

Não tem dedos?

A baroneza

Não, teve um filho que os não tinha.

O Dr.

Ahi tem V. Ex.<sup>a</sup> a confirmação do adagio. "Pelo dedo se conhece o gigante,". Um corpanzil d'aquelles e... nem para um dedo minimo. É a montanha... gerando um rato.

# Bragaldabás

A senhora já viu um moinho?

### A baroneza

7

E a mãe do pequeno morreu.

# Bragaldabás

Pois o coração é como um moinho—com qualquer vento põe-se a girar.

#### O Dr.

Não se devia esperar outra cousa. V. Ex.ª conhece a fabula das duas panellas que desciam o rio, uma de ferro, outra de barro?

### A baroneza

Conheço.

### O Dr.

Pois Bragaldabás é a panella de ferro. Para Bragaldabás só um caldeirão e não um fino vaso de Sèvres como sua sobrinha. Demais V. Ex.ª sabe que se offerecessem a um convalescente um pratarraz de feijão a morte seria inevitavel. Não é tão facil restaurar, senhora baroneza. Vamos

agora ao essencial... O que V. Ex.ª deseja é materialmente impossivel.

### A baroneza

Como imposssivel?

### O Dr.

Eu explico. V. Ex.ª deseja reproduzir uma arvore plantada, em velho tempo, pelo grande avô Piranha, mas exhaurida pela vida longa e pela magreza da terra, que faz? aduba o solo, prepara o leito e n'elle deposita uma linda semente. A arvore que se renova é a mesma á cuja sombra riram as creanças, celebraram-se as bodas, realisaram-se os funeraes, commemoraram-se as glorias dos illustres Piranhas? Será a arvore da mesma familia? dará as mesmas flores, os mesmos fructos? não, porque a arvore não é um producto immediato da terra. A terra incuba e nutre, nada mais. Se o germen plantado fôr o de uma roseira virão rosas delicadas, se fôr o de um cedro crescerá o tronco robusto. A terra é passiva. As leis da geração inspiraram aos francos a lei salica—a mulher não tem o direito de successão. Se, em vez de Laurinda, houvesse Laurindo, V. Ex. a veria renascer a arvore morta, mas o que V. Ex.ª possue é apenas um pouco de terra formosa. Em summa: os filhos de sua sobrinha, senhora baroneza, serão Bragaldabás é não Piranhas.

# A baroneza, suspirando:

Isso é verdade.

# Bragaldabás

Então aquillo é que é o tal cruzeiro?

# Laurinda

Sim, senhor.

# Bragaldabás

Que está na bandeira?

### Laurinda

Pois não.

# Bragaldabás '

Tem graça.

### O Dr.

E que importa a V. Ex.ª a robustez dos gordos Bragaldabás? Continuar essa raça é impanzinar o mundo.

#### A baroneza

Sim, mas a arvore conserva sempre alguma cousa da terra em que nasce. A alma dos Piranhas resurgirá nos filhos de Bragaldabás.

#### O Dr.

Não, senhora baroneza, a alma da planta não está na terra, a terra alimenta, mas o que espiritualisa, se me permitte dizer assim, é o sol, o sol que é o coração do universo. Sem calor, sem luz a arvore definha e o sol da arvore humana é o amor, o divino amor.

### A baroneza

De sorte que a pobre Laurinda não é mais que um pouco de terra...

# O Dr.

Sim, senhora baroneza. Um pouco de terra que Bragaldabás transformará em horta plantando couves e espinafres e alastrando-a com o aboboral da sua simpleza alvar. E Laurinda é terra santa. D'ella devem subir as columnas d'um templo, n'ella devem florir rosas d'arôma suave, devem baixar as aves do ceu enchendo-a d'uma alegre musica. É terra para culto e não deve ser dada a um lavrador para que a rasgue com o arado, mas a um sacerdote que a trate carinhosamente fazendo que d'ella rebentem fontes de eterno beneficio e myrthos consagrados. Laurinda...

#### A baroneza

Mas que tem o senhor? não o reconheço. Querem ver que a chrysalida scientifica está-se transformando em borboleta poetica? (Com malicia:) Parece que o senhor quer ser meu foreiro. Diga-me: tem algum plano de edificação?

### O Dr.

Porque pergunta?

## A baroneza

Desejava vel-o... Se me agradar cedo-lhe o terreno.

O Dr., commovido:

Senhora baroneza...

# A baroneza

Já agora... visto que não posso salvar a raça quero, ao menos, salvar um coração... Porque eu estou convencida de que o Dr. já se entendeu com a terra.

# Bragaldabás

Vou fazer 28 annos... Pareço mais velho,

não? é por causa da barba. Mesmo a senhora, que é uma creança, se tivesse uma barba assim...

#### Laurinda

Eu!? (Ri).

# O Dr.

Sim, senhora baroneza, e se n'ella eu não pudesse edificar o lar do meu coração, queria, ao menos, que alli fosse o sepulchro dos meus sonhos. E seria triste, para o amor finado, ter um tumulo coberto de repolhos. (A baroneza contempla-o sorrindo).

# Bragaldabás

A senhora ri? Eu tenho uma tia que faz a barba. Eram dois irmãos: um tio e uma tia; o tio morreu, ficou a tia... Mas eu creio que houve engano na certidão de obito... quem morreu foi a tia, porque aquillo não é barba para uma senhora.

#### A baroneza

Pois, Dr., cedo-lhe a terra e já que não posso ver a arvore dos Piranhas, que venham perfumar os ultimos dias da minha velhice as lindas rosas de Maldonado. (Com malicia:) Porque o senhor não é capaz de dar um tronco de cedro...

#### O Dr.

Quem sabe, senhora baroneza... a vista engana. Olhe Bragaldabás... nem para um dedo.

# A baroneza, chamando:

Laurinda!

Laurinda

Minha tia...

# SCENA VIII

# OS MESMOS, no salão

A baroneza, beijando Laurinda:

Sé feliz, minha filha. (Movimento de Laurinda. A Bragaldabás:) Então, senhor Bragaldabás?

# Bragaldabás

...dabús, minha senhora. Muito bonito e muito fresco.

#### Laurinda

Que quer isto dizer?

#### A baroneza

Quer dizer que és a terra...

O Dr., beijando-lhe a mão:

...da Promissão.

#### Laurinda

Ah! eu estava lá fóra a pedir aos anjos que me protegessem. (Allia-se ao Dr.)

# Bragaldabás

Linda noite! E que vista! A lua até parece mais gorda do que eu.

# O Dr.

Isso agora é bondade tua, Bragaldabás. (A baroneza toca o tympano. Emilia apparece ao fundo).

#### A baroneza

Manda servir o chá.

# Bragaldabás, adiantando-se:

O' filha, arranja-me um copo d'agua. (Emilia desapparece:) Pois é verdade, senhora baroneza,

a menina fala d'aquellas cousas lá de cima como o Euzebio fala da sua horta. Lá entendido elle é, o meu irmão Euzebio. Cruzeiro, Venus e outras que ha por esses ceus fóra: Navio, Ursa, Cãosinho... A proposito de Cãosinho... ha aqui um animalejo que limpa os dentes ás pernas da gente. Eu sou homem para derrubar touros, mas para cães sou um bólas.

# SCENA IX

# OS MESMOS e EMILIA

Emilia, com um vaso d'agua e um copo:

A agua. (Bragaldabás põe-se a beber).

Laurinda, baixo:

Admire, minha tia... É uma tromba.

O Dr.

Não Bebas tanta agua, Bragaldabás.

# Bragaldabás

...bús. Que tem?

# A baroneza

Vamos tomar chá.

# Bragaldabás

Chá? Só se fôr muito depressa. Tenho uns rapazes á minha espera para uma ceia. (A baroneza offerece o braço a Bragaldabás; e o Dr. e Laurinda seguem á frente.)

Laurinda, já na galeria sem voltar-se:

Gosta de flôres, senhor Bragalda... bús?

# Bragaldabás

Assim, assim, minha senhora. Para mim a melhor flòr é uma bôa fructa. Não ha flòr que valha uma fructa.

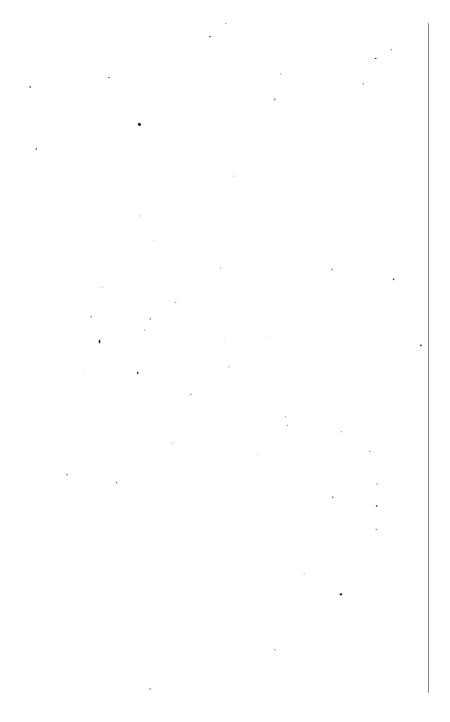
# A baroneza

Conforme... Para os noivos, por exemplo, ha a flôr da laranjeira.

# Bragaldabás

Ora qual! Antes a laranja, senhora baroneza. Antes a laranja...

#### PANNO



# INDICE

•									Pag.
As estaçõ	es .								5
Ao luar		٠.			•				37
Ironia.			•					•	67
A mulher									115
Fim do re	200								188

#### ERRATA

Além da falta de pontuação em certos logares d'este livro. ha outros erros que o leitor corrigirá com a propria intelligencia; cumpre-nos, porém, mostrar os que mais compromettem o sentido, e são:

A' pagina 14, o verso:

Repelle o seio de Lucinda, amúa,

em italico, quando devia sahir em redondo.

A' pagina 75, na rubrica: adeanta-se anciosa, com o reposteiro... etc., emende-se para:...corre o reposteiro.

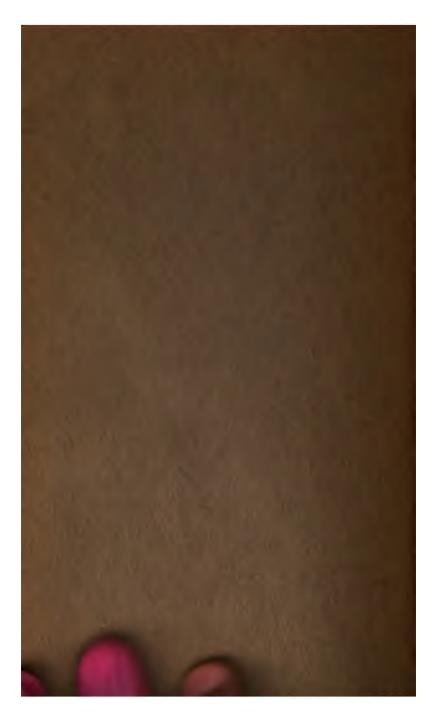
A' pagina 85, linha 11, onde se lê: voltada para um feito; leia-se: voltada para um leito.

A' pagina 111, linha 7, onde se lê: não sou quem exige. leia-se: não sou eu quem exige.

A' pagina 113, onde se lê: Estou á porta; leia-se: Está á porta.

A' pagina 183, linha 5, onde se lê: se dancei com o flexivel maximo, leia-se: ... com o flexivel Maximo.





GENERAL LIBRARY - U.C. BERKELEY

8000288795





GENERAL LIBRARY - U.C. BERKELEY



B000288795



# LIVRARIA CHARDRON, de Lello & trmão

Rus das Carnellias, 164 - PORTO

Gustave Flauher?	Virgillo Varces
	O brigar Ribustaires . 500
Salammbo Salammbo Suo Suo Madame Boyary - 100	julia Brandão
A tantução de Santo Antão 400 A Estucação santimental 800	O savorni da morto - 000
Situla Homero	Pharmacia Piras
Teleproperate 500	Makin do can 1 1
Martine Pering	1046 P. de Sampalo Brunn
A America Latina . 500	Brazil monthl
Manual Aribs	Montagnos publicinas por-
Transdiguração . : maprato	Tuguezes -
p.º José Saveriano Horunda	Posteral e a aperes de
O mon Flor Santorum. 10 prefe	A question religions on praise
Heliodiro Saleado	
O sulto de Immadulada 700	Shrillio Talles
José Caldin	Carestia da Vida
Bustoma de um fege morto 18000	nomicos
Os humildes 400	Intentucces an problems
On Townson	Proplems apricular - 1900
Coelhi Motto	Do altimation on 31 do 100
Augusta Invento . 700	Agricultura a tributa are prefer
Blee de poone 700	
Romancelro- 200	Shakesperry 460
Julio Gravo	Title fiest -
On familiation   500	A. Lawastimm
A starna mentira - 000 Ultimo fauto - 500	Superstigae e direita Pe-
	nal . 500
Budrigues de Freiter	Ranno IVIII
A William Wildiam I	
Salada de fruntes, 500	Os Apasinias - 000 S. Paulo - ma prefe
	Wencestan de Moraes
Eronio Harokel	A Wide Innonesa DLV sorlo
Maravillian da vida, I v. no grelo O Mantemo, 1 vol.	de Cartas da Japão . no prelo
On Kalaman do Universo -	Thomas de Foresca
Origens do homens, I v.	On Deshershalon (verson) ha profit
Carle and Holocope, it is	